

UNE

O reencontro do Brasil com a sua juventude



A UFERR (UNIVERSIDADE RURAL)

MEC

Ministério da Educação e do Desporto

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Itamar Augusto Cautiero Franco

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Murílio de Avellar Hingel

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Antônio José Barbosa

UNE

**O reencontro do Brasil
com a sua juventude**

Brasília
Dezembro de 1994

DESPACHO

ENCAM. DESP. À SOPEISM E

PARA AS PROVIDÊNCIAS CABÍVEIS

EM 05 / 01 / 95

**Aspda Ramalho Amorim
Chefe de Gabinete/SME**

REPÚBLICA DA REPÚBLICA
Ministério da Educação e do Desporto
Ministério da Educação e do Desporto
Ministério da Educação e do Desporto

UNE

O Encontro do Brasil com a sua juventude



Ministério da Educação e do Desporto
Ministério da Educação e do Desporto

Brasil
Dezembro de 1984

Ministério da Educação e do Desporto
Ministério da Educação e do Desporto
Ministério da Educação e do Desporto

UNE



O reencontro do Brasil com a sua juventude

MEC

Ministério da Educação
e do Desporto

UNE - O REENCONTRO DO BRASIL
COM A SUA JUVENTUDE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO
GABINETE DO MINISTRO

Assessor de Comunicação Social: Gilson Rebelo
Assessora-Adjunta: Maria Luiza Tapioca da Silva
Esplanada dos Ministérios, Bl. L, 8º andar
Fones: (061) 225-6562, 225-6515 e 214-8432

Produção: HMP Comunicação

Projeto editorial: Valéria de Velasco

Programação visual: Usha Pontes

Pesquisa, redação e entrevistas: Adriana Fernandes,
Chico Dias e Elizabeth Fernandes

Fotografia: Agência Brasil, Agência JB, Agência O
Globo, Alceu Rocha, Arquivo Jornal de Brasília, Arquivo
MEC, Elza Fiúza, Marcos Fernandes, Stuckart Filho

Capa: foto de Jorge Peter/Agência O Globo

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto.
UNE: o reencontro do Brasil com a sua juventude.
- Brasília, 1994.
68 p.
1. Política Estudantil - Brasil. 2. UNE - História. I. Título.

CDD 371.83

Apresentação

Uma dívida com a memória estudantil

Em os anúncios da mídia, o seu descompromisso e as suas esperanças, são impossíveis de ignorar a estrutura da sociedade. A afirmação feita pelo jurista Pery Cassiani Bevilacqua, em 1984, na preleção do IFTO "O Poder Jovem" de Antônio José Fogher permanece atual para o ensino, o aprendizado e para que os estudantes tenham desenvolvido a força da história do Brasil e a importância dessa participação no processo de transformação social do país.

Essa presença, de fato, tem sido marcante nos momentos decisivos das grandes conjunturas de nação e no desenrolar das principais crises políticas, como por exemplo a abolição da escravidão, a proclamação da República e a instauração do autoritarismo, a campanha do petróleo e a revolução, a defesa da legalidade nos episódios da renúncia do presidente João Goulart e da tentativa de impedir a posse de Jânio Quadros, a resistência ao golpe militar de 1964, o impeachment do presidente Collor.

Remontando à época do Brasil Império, a participação da juventude nos desfiles da nação passou a ocorrer sob forma organizada a partir da criação, em 1847, do União Nacional dos Estudantes, que organizou, nos festejos do aniversário de 100 anos da Independência, em 1888, a defesa da legalidade e a defesa da República. Com o fim do Brasil Império, a participação da juventude passou a ocorrer sob forma organizada a partir da criação, em 1913, do União Nacional dos Estudantes, que organizou, nos festejos do aniversário de 100 anos da Independência, em 1888, a defesa da legalidade e a defesa da República.

Aos estudantes brasileiros,
em reconhecimento
à sua luta permanente
pela justiça social e
redemocratização do país

Apresentação

Uma dívida com a memória estudantil



em os arroubos da mocidade, o seu devotamento e as suas esperanças, seria impossível modificar a estrutura da sociedade. *A afirmação feita pelo jurista Pery Constant Bevilacqua, em 1968, no prefácio do livro O Poder Jovem, de Arthur José Poerner, permanece atual para sintetizar, com precisão, o papel que os estudantes têm desempenhado ao longo da história do Brasil e a importância dessa participação no processo de transformação social do país.*

Essa presença, de fato, tem sido marcante nos momentos decisivos das grandes conquistas da nação e no desenrolar das principais crises políticas, como por exemplo a abolição da escravatura, a proclamação da República, a luta contra o nazifascismo, a campanha do petróleo é nosso, a defesa da legalidade nos episódios da renúncia do presidente Jânio Quadros e da tentativa de impedir a posse de João Goulart, a resistência contra o golpe militar de 1964, o impeachment do presidente Collor.

Remontando à época do Brasil Império, a influência da juventude nos destinos da nação passou a ocorrer de forma organizada a partir da criação, em 1937, da União Nacional dos Estudantes, que acumulou, nas três décadas seguintes, uma extensa folha de serviços em defesa da democracia e da liberdade. Com a histórica sede da Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, destruída em 1964 por um incêndio provocado, e colocada na clandestinidade no mesmo ano, a UNE não arrefeceu a luta contra o poder da força instalado pela ditadura

militar, e resistiu até 1985, quando o presidente José Sarney sancionou a lei que lhe devolvia a legalidade.

Simbolizando o reconhecimento da nação à importância da presença dos estudantes na vida política do país e ao trabalho que têm desenvolvido em defesa da democracia, o presidente Itamar Franco entregou à UNE, em 1994, o terreno da Praia do Flamengo. Era o gesto que faltava para que a entidade, a partir da reconquista de seu referencial físico, retorne com novo vigor a tarefa histórica de manter acesa, junto à população, a chama da luta por um Brasil melhor e mais justo.

Numa homenagem aos estudantes brasileiros pela sua atuação permanente em defesa da democracia, o MEC documenta, neste livro, a cerimônia da devolução do terreno à UNE, realizada no dia 17 de maio de 1994, no Rio de Janeiro, reproduzindo os pronunciamentos do presidente da República, Itamar Franco, do ministro da Educação e do Desporto, Murílio Hingel, e do presidente da União Nacional dos Estudantes, Fernando Gusmão. Traz, também, depoimentos de pessoas que viveram a história da entidade e conta, de forma sucinta, a trajetória de lutas que transformou a UNE no marco divisor da história da participação política dos estudantes brasileiros, conforme constata Arthur José Poerner em *O poder jovem*.

Escrito em 1968, quando Poerner tinha apenas 25 anos, *O poder jovem* é o mais completo livro sobre a história da participação dos estudantes na vida política do país, do Brasil Colônia a 1968. Além de Poerner, este livro buscou informações em outras publicações importantes, que se destacam na escassa bibliografia sobre o assunto, como *CPC*, uma história de paixão e consciência, de Jalusa Barcellos, *Aos trancos e barrancos*, de Darcy Ribeiro, *68 - Relato de guerras*, de Fernando Perrone, *68 - A paixão de uma utopia*, de Daniel Aarão Reis Filho e Pedro de Moraes, e *História imediata - a volta da UNE*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.

O reencontro do país com a sua juventude

Itamar Franco

Presidente da República

Ministro da Educação e do Desporto

E

ste é um ato de reencontro do Estado nacional com a sua juventude. É um ato de justiça. A presença do presidente da República nesta solenidade não é simples rito protocolar. Passados trinta anos, é a nação inteira que se reencontra com seus jovens. Os de hoje, resgatando o símbolo das lutas dos jovens do passado. E é esta juventude intemporal que se encontra hoje reunida para - na continuidade dos esforços para a reconstrução democrática da República - marcar a reedificação da Casa Nacional do Estudante.

Não pretendo fazer o inventário daquelas horas de conflito. Estamos sendo capazes de superá-las com os recursos da política. Desde as grandes campanhas populares que restauraram as eleições diretas para a Presidência da República e criaram condições para a promulgação de uma nova Constituição, temos sido capazes de administrar os dissídios sociais dentro da ordem democrática, e assim continuará.

A União Nacional dos Estudantes foi a grande escola política de nossa geração. Neste espaço, forjaram-se grandes líderes. Os dirigentes políticos não se constroem no silêncio dos gabinetes, na tranqüilidade dos templos, no diálogo sereno dos sábios. Eles se fazem no calor dos debates, no grito das ruas, no protesto justo dos marginalizados. Foi assim que saíram da União Nacional dos Estudantes alguns dos melhores tribunos brasileiros e muitos dos que sempre generosamente lutaram pela grandeza da Pátria.

A retomada, pelos estudantes brasileiros, do espaço que sempre foi seu - e ninguém ousou ocupá-lo nestes trinta anos - é um exemplo dos tempos que a sociedade brasileira está



Roberto Barroso/Agência Brasil

O reencontro do país com a sua juventude

Ilmar Franco
Presidente da República

*A retomada,
pelos estudantes,
do espaço que
sempre foi seu,
é um exemplo
dos tempos que
a sociedade
está abrindo
para si mesma*

abrindo para si mesma. A reconstrução da sede da UNE, estou certo disso, consolidará o seu renascimento e o renascimento do civismo da juventude, o que permitirá o surgimento de novos líderes e novos estadistas.

Convém lembrar que a UNE e as entidades estudantis regionais que a formavam, com a democracia que praticavam e defendiam, asseguravam a ascensão de jovens de origem modesta às elites políticas nacionais. Foi assim, na militância estudantil, que iniciei a minha vida pública. Esse caminho sofreu percalços durante duas décadas, mas se revigora ainda a tempo para que a nação chegue ao novo século e novo milênio renovada em seu ânimo e em sua esperança.

Em nome de todos os brasileiros devolvo à União Nacional dos Estudantes o chão de sua casa.

Para construir um Brasil plenamente cidadão

Murílio de Avellar Hingel

Ministro da Educação e do Desporto



Trinta anos depois do incêndio que destruiu o prédio da União Nacional dos Estudantes, a cidade do Rio de Janeiro e os estudantes brasileiros ganham a reintegração de posse do terreno que abrigou a sede da entidade.

O poder público, neste ato solene, resgata sua dívida com a memória estudantil brasileira. Mas também recoloca à disposição da sociedade um símbolo vigoroso das lutas históricas que se travaram neste país a favor da liberdade.

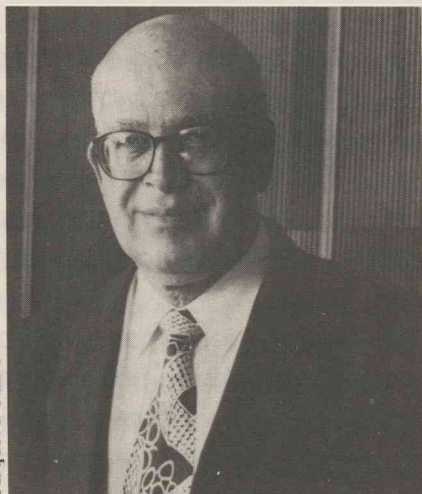
No tempo em que as consciências não calaram ante as iniquidades da intolerância, no país onde a força do argumento cedeu lugar ao argumento da força, o número 132 da Praia do Flamengo foi o arauto da resistência.

No Brasil, cuja cidadania plena ainda está em processo de construção, a vontade daqueles que lutaram pelo alargamento dos horizontes e pelo estado de tolerância torna essa reintegração de posse uma ocasião muito especial.

O instante é oportuno para recapitularmos dois momentos relevantes da história contemporânea do Brasil que envolveram a nossa juventude.

O primeiro remonta a agosto de 1942 e ao ambiente da expansão internacional do nazi-facismo. A União Nacional dos Estudantes, instituição que adquirira vida legal em dezembro de 1938, ocupou o edifício do então Clube Germânia, centro cultural que havia sido fechado por suas vinculações às concepções filosóficas e estratégicas do III Reich. Foi aquele um claro sinal de que os estudantes do Brasil constituíam sólido compromisso com o universo social e político do país e do mundo.

A segunda lembrança histórica, mais recente, leva à crise política vivida pelo país no segundo semestre do ano de 1992. A atividade estudantil se confundiu com a própria efervescên-



Arquivo MEC

Num tempo em
que a força do
argumento
cedeu lugar ao
argumento da
força, a UNE
representou
um exemplo
de resistência

cia do momento. A União Nacional dos Estudantes, com o envolvimento dos estudantes secundaristas, mostrou ao país, mais uma vez, que a dimensão ética da política deve sempre prevalecer.

O movimento dos *caras-pintadas* inspirou-se nas fontes históricas da luta pela democracia. As querelas contra o facismo na década de quarenta e o enfrentamento ao arbítrio em décadas recentes foram bases sólidas sobre as quais as manifestações a favor da ética na política se sustentaram. Todo o país ficou a dever aos estudantes do Brasil contribuição decisiva à democracia e à restauração da ética nos espaços do poder público.

O momento é para recordar o passado heróico e sua força simbólica. Mas é também para celebrar, com o maior entusiasmo, os novos compromissos dos estudantes brasileiros com o seu país. A perspectiva que se descortina diante do novo mundo em formação, na transição que hoje vivemos, onde uma nova ordem ainda não se firmou sobre a velha, traz o tema educacional à atualidade.

Próximos da inauguração do novo milênio, os nossos desafios na área educacional ainda persistem. Ainda não construímos a educação cidadã. Mas há, por outro lado, avanços significativos e que exigirão continuidade. E para que haja continuidade, vamos necessitar dos estudantes deste país.

Em primeiro lugar, apresenta-se hoje ao país um projeto de educação para todos. Ele remonta aos desafios históricos de que a própria União Nacional dos Estudantes participou, em especial, da campanha de alfabetização de adultos no início dos anos sessenta. Mas está enriquecido com o tempero do tempo e dos desafios educacionais que se foram forjando ao longo das últimas décadas.

Estamos nos referindo aos avanços do Plano Decenal de Educação Para Todos. Seu ponto de partida foram os princípios contidos na *Declaração de Jomtien*, na Tailândia, e, mais recentemente, na cúpula de Nova Délhi, na Índia. Mas os compromissos internacionais de nada adiantariam se não tivéssemos construído um ponto de inflexão que foi o compromisso

A UNE é patrimônio do povo brasileiro

nacional de educação para todos, celebrado em Brasília há exatamente um ano. O Plano não é elaboração de gabinete, afastado da vida das escolas, das cidades e dos campos brasileiros. Ao contrário, foi concebido no esforço da estratégia participativa e democrática, que hoje orienta sua execução.

Universalizar, com qualidade - é este o objetivo-síntese do Plano Decenal de Educação Para Todos. Seu êxito significará que, em um decênio, o país terá conseguido inserir-se no novo cenário mundial, já nitidamente desenhado, no qual a qualidade sobrepõe-se à quantidade.

De forma simples e direta, o plano fixa os objetivos gerais vislumbrados pela sociedade brasileira: satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de crianças, jovens e adultos no que concerne às competências fundamentais ao desenvolvimento individual e coletivo e ao pleno exercício da cidadania; universalizar, com equidade, as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento; ampliar os meios para o alcance da educação básica; fortalecer as parcerias entre as instituições públicas e privadas voltadas para a educação, abrindo amplos espaços à participação social; atuar sobre os ambientes nos quais se desenvolvem os processos educativos formais, de forma a garantir-lhes o sucesso; incrementar os recursos financeiros para manutenção e aprimoramento qualitativo da educação básica; e expandir as oportunidades de cooperação e intercâmbio internacional.

Em segundo lugar, gostaríamos de acrescentar que um conjunto de metas, necessariamente ambiciosas, porém factíveis, compõem o cenário do Plano Decenal de Educação Para Todos.

E é exatamente essa satisfação a mais que este ato solene nos proporciona, a de convidar a União Nacional dos Estudantes, em momento de festa, a dividir com a sociedade brasileira a preocupação de dar continuidade ao desafio de: elevar a, no mínimo, 94% a cobertura da população na faixa do ensino obrigatório dos sete aos quatorze anos de idade; aumentar em pelo menos 50% os atuais níveis de aprendizagem nas matérias do núcleo comum; melhorar o fluxo escolar, reduzindo as

*O momento
é também para
celebrar, com
entusiasmo,
os novos
compromissos
dos estudantes
com o Brasil*

*Convidamos a
UNE a dividir
conosco e com
a sociedade
civil o desafio
de assegurar
educação de
qualidade a toda
a população*

repetências sobretudo da primeira à quinta série, de maneira que pelo menos 80% dos estudantes concluam a escola fundamental, e o façam com bom aproveitamento; estender o atendimento da educação infantil a, no mínimo, 3,2 milhões de crianças; ampliar o Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente a 1,2 milhão de alunos das áreas urbanas e periféricas; e oferecer educação básica equivalente às quatro séries iniciais do primeiro grau a 3,7 milhões de analfabetos e a 4,6 milhões de adultos escolarizados.

Para concluir, vale ainda recordar que o Brasil tem plena consciência de que o investimento em educação básica representa, na hierarquia das prioridades de uma nação, a alternativa mais segura de conduzir o desenvolvimento de um povo na direção da cidadania plena.

Temos também a convicção de que a escola pública de boa qualidade é uma vitória social que exigirá ainda mais de todos nós na próxima década. E devemos sempre lembrar que a educação é uma só marca, um todo único. O sistema educativo brasileiro busca fortalecer o elo que une a pré-escola à pós-graduação, a criança e o adolescente ao cidadão adulto.

O desenvolvimento das universidades, dos seus estudantes, bem como dos estudantes secundaristas, é fundamental para manter a unidade do sistema em prol dos objetivos maiores da construção de um país de cidadãos educados e preparados para enfrentar os desafios que se nos deparam.

O resgate histórico que aqui se faz, no ato de devolução do terreno da sede da União Nacional dos Estudantes, pareceu-nos momento oportuno para convocar os estudantes brasileiros para essa urgente reflexão sobre o futuro do país. A superação das barreiras que se apresentam ao desenvolvimento social dos povos está diretamente vinculada ao avanço dos processos educacionais.

Com o planejamento contínuo na educação, garantiremos, assim, na entrada do próximo milênio, não só a reparação histórica do arbítrio que queima livros e edifícios estudantis, mas uma conquista ainda segura: a do país plenamente cidadão.

A UNE é patrimônio do povo brasileiro

Fernando Gusmão

Presidente da União Nacional dos Estudantes

O

gesto do presidente Itamar Franco ao devolver o terreno da Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, onde um dia existiu o prédio da sede da UNE, destruído por um incêndio criminoso durante a instalação do governo militar de 1964, foi um ato de justiça. E vai marcar, sem nenhuma dúvida, o reencontro da nação com seus jovens.

Quem se debruçar sobre a história mais recente de nosso país verá que a UNE, desde sua fundação, foi considerada como um símbolo da democracia e um local de resistência. E foi por isso mesmo que, às vésperas do movimento que derrubou o presidente João Goulart, o prédio da Praia do Flamengo foi invadido, depredado e depois incendiado por membros de movimentos da extrema direita, que dali expulsaram a diretoria da UNE - logo posta na ilegalidade pelos militares - e os integrantes do Centro Popular de Cultura que tentavam resistir ao golpe.

Na verdade, a ditadura militar teve um êxito em relação aos estudantes: conseguir acabar com a memória do movimento estudantil, desestruturar não só do ponto de vista material as entidades estudantis, como também do ponto de vista político. Foi criado, na reforma de 68, um novo sistema de créditos que pulverizou as turmas. Isso fragmentou aquela organização de sala que existia e passou muito tempo para que houvesse uma readaptação do movimento estudantil a essa nova realidade.

Desde que surgiu, em 1937, a UNE sempre representou o sentimento da justiça social, da democracia, que sempre alimentou e movimentou a juventude brasileira. E vai continuar representando, sempre, a grande esperança de mudar este



Alceu Rocha

*A UNE representa
a aspiração por
uma vida melhor,
por um Brasil
mais justo e mais
próspero, o Brasil
que os estudantes
sonharam ao
longo da história*

país. Isto faz com que a cada ano a entidade se fortaleça, o que nos dá a esperança de que, no fim dessa trajetória, a gente possa ter um país melhor, com uma educação pública e gratuita, com liberdade e com a cidadania consolidada como um bem comum.

O gesto do presidente Itamar Franco, ao devolver o terreno onde existiu a velha UNE, é o resgate de uma dívida histórica que o país tinha com a democracia. A devolução deixa todo mundo muito emocionado, porque a UNE é um patrimônio não apenas dos estudantes, mas do Rio de Janeiro e do Brasil, que ao longo desses anos passou por toda sorte de problemas na defesa da democracia, sempre na esperança de que um dia este país seja diferente, mais justo e mais próspero, enfim, o Brasil que os estudantes sonharam ao longo da História.

A UNE representa esse sentimento e essas aspirações de uma vida melhor. A partir desta década, volta a se organizar, a discutir os grandes temas políticos, a fortalecer a sua presença nas salas de aula. Agora, numa nova fase, depois de reconquistar o terreno da Praia do Flamengo, partimos para uma nova etapa de reconstrução física do prédio que abrigará a nova UNE, e que será, como no passado, um bastião na defesa da democracia e da liberdade.

A UNE, do Estado Novo aos carne-pintadas

"O novo governo cria a União Nacional dos Estudantes - a UNE - para controlar o movimento estudantil. Em mãos da mocidade, ela se transforma, porém, numa das principais instituições de luta pelas liberdades democráticas e pelas causas nacionalistas."

Darcy Ribeiro, em *Aos trancos e barrancos*, Editora Guanabara.

A UNE, do Estado Novo aos *caras-pintadas*

A história da participação dos estudantes na vida política do país divide-se em antes e depois da UNE e de sua longa trajetória de lutas pela democracia e pela liberdade

A

União Nacional dos Estudantes foi criada no dia 13 de agosto de 1937, quase três meses antes do presidente Getúlio Vargas determinar o fechamento do Congresso Nacional, nomear interventores para todos os estados, extinguir os partidos políticos e as liberdades individuais e aprovar uma nova Constituição, implantando a ditadura que ficou conhecida como Estado Novo, que só terminou em 29 de outubro de 1945, quando Getúlio foi deposto pelos militares. Em seu livro *Aos trancos e barrancos - Como o Brasil deu no que deu*, o escritor, antropólogo e senador Darcy Ribeiro retratou 1937 como o *Ano do Pixinguinha*, numa bem lembrada homenagem ao compositor pelo lançamento de *Carinhoso*, um dos maiores sucessos da MPB de todos os tempos, com letra de João de Barro, "gravada com piano, flauta, duas clarinetas, contrabaixo, violão, cavaquinho, bateria, na voz de Orlando Silva".

Para os estudantes brasileiros, o ano representou, com a criação da UNE, o início de uma longa trajetória de lutas e conquistas que ultrapassariam o universo escolar para envolver a questão maior da construção da democracia e da justiça social no Brasil. Fruto de uma tomada de consciência quanto à necessidade de organizar a participação política estudantil em caráter permanente e nacional, a UNE, segundo o escritor Arthur José Poerner, no seu livro *O Poder Jovem*, é o mais importante marco divisor da presença dos estudantes ao longo da nossa História. Até aquele ano, as organizações universitárias, conforme relata Poerner, dedicavam-se apenas a problemas específicos, de caráter transitório, como a libertação dos escravos ou a campanha antimonarquista, e eram marcadas pelo regionalismo, devido ao isolamento entre os estados.

O primeiro passo para a criação da UNE foi dado pela Casa do Estudante do Brasil, uma organização do Rio de Janeiro, fundada em 1929, com caráter assistencialista e ligada ao governo, que a subsidiava. Em agosto de 1937, a Casa do Estudante realizou o I Conselho Nacional de Estudantes, e dos debates nasceu a UNE. O Conselho Nacional de Estudantes passou a ser o seu órgão deliberativo, com a responsabilidade de reunir-se anualmente e eleger a diretoria. Por isso, a data passou para a



História como o dia da criação da entidade, embora o seu reconhecimento oficial só tenha ocorrido em dezembro de 1938, durante o II Congresso Nacional de Estudantes.

O I Congresso Nacional de Estudantes havia se realizado em 1910, em São Paulo, onde pela primeira vez aconteceu uma reunião de caráter nacional. Em 1938, o II Congresso teve a adesão de 80 associações universitárias e secundaristas da maioria dos estados e acabou se transformando na assembléia do II Conselho Nacional. O gaúcho Valdir Ramos Borges foi eleito, então, o primeiro presidente oficial da UNE e a sede da Casa do Estudante do Brasil acolheu a nova entidade.

No texto da convocatória do II Congresso apareceram os primeiros sinais do que seria a UNE do futuro: "Numa época de perturbações e de incertezas, de esperanças e de desilusões, a mocidade das escolas tem o dever e a necessidade de se conhecer, para, unida, poder melhor trabalhar, orientando a sua ação num sentido comum. Os trabalhos inscritos apontavam uma preocupação com os problemas nacionais daqueles anos, como a luta contra o analfabetismo, a implantação da indústria siderúrgica, o ensino rural, a universidade e a participação da mulher na sociedade."

Em 1946, o prédio 132 da Praia do Flamengo sediava um clube de inclinação fascista. Fechado por Vargas, foi ocupado pelos estudantes, que conseguiram sua doação para a UNE

Nos anos seguintes, a consolidação nacional da UNE se deu com o aumento do intercâmbio com as associações filiadas, embora tenha rompido com a Casa do Estudante do Brasil, que não suportou ver crescer e tornar-se independente aquela que tinha surgido na sua própria casa. A UNE foi despejada, mas continuou seu trabalho de organização nacional. No III Conselho Nacional de Estudantes, em 1939, já contava com 112

associações estudantis, reunindo quase todas as existentes no país. Nesse ano, foi criada a carteira única do estudante, que facilitou a conquista de redução de preços nos transportes, compra de livros e acesso a eventos culturais. Em 1940, nascia o Teatro da UNE.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a luta contra o nazi-fascismo, que se alastrava no país, transformou-se na grande bandeira da UNE. Foi a primeira de uma série de batalhas que viriam nos próximos anos. Em 1942, os estudantes foram às ruas exigir que o Brasil assumisse uma posição firme contra os países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália), que contavam com a simpatia do governo de Getúlio Vargas.

As lideranças estudantis promoveram comícios que conseguiram ganhar a adesão dos professores e, aos poucos,

o movimento cresceu, saindo das escolas e universidades para as praças públicas e outros estados. Uma grande passeata, em 4 de julho de 1942, dia da independência dos Estados Unidos, transformou-se numa das maiores manifestações organizadas pelo movimento estudantil.

No mesmo período, pressionado pelos estudantes e pelas correntes políticas nacionalistas e antifascistas, o presidente Getúlio Vargas fechou o Clube Germânia, na Praia do Flamengo, número 132, que sediava a nata dos representantes do fascismo brasileiro. Os líderes estudantis ocuparam o prédio e Getúlio foi praticamente obrigado a doá-lo para a UNE, que ali permaneceu até 1964 quando, após o golpe militar que derrubou o presidente João Goulart, o prédio foi incendiado e a entidade colocada na clandestinidade.

Com a vitória do movimento antifascista, os estudantes apontaram sua artilharia contra o governo ditatorial de Vargas, aliando-se a outras forças que levaram à derrubada do Estado Novo. Mais uma vez a UNE



Arquivo

Um incêndio provocado destruiu as instalações da UNE, que foi colocada na clandestinidade em 1964. A entidade só voltaria a ter existência legal na década de 80

teve um papel fundamental no rumo dos acontecimentos políticos, que desembocaram na redemocratização do país, em 1945.

Sem bandeira política, a UNE passou cerca de dois anos num processo de esvaziamento, orientando sua ação quase que exclusivamente ao assistencialismo. Mas em 1947, após um novo Congresso, a entidade retomou o caminho de luta, iniciando uma série de campanhas em defesa do patrimônio territorial e econômico do Brasil. No Rio de Janeiro e em São Paulo foram lançados os primeiros manifestos de uma das maiores campanhas de cunho popular já surgidas no Brasil - *O petróleo é nosso*, que resultaria na criação da Petrobrás, em 1953, e na instituição do monopólio total da extração do petróleo e parcial do refino.

A exemplo do que aconteceu em outros segmentos sociais no período pós-guerra, a UNE teve sempre seus movimentos marcados por um intenso confronto entre os grupos de direita e esquerda. O período de ascensão da direita começou, em 1950, sob a liderança do estudante Paulo Egydio Martins, que se tornaria ministro da Indústria e do Comércio no governo Castelo Branco. Essa fase, que segundo Poerner ficou conhecida como "período negro ou policial da UNE" ou "tempo do Paulo Egydio", coincidiu com o início da infiltração norte-americana nas organizações estudantis. A retomada da esquerda na UNE aconteceu em 1956, com o início do governo Kubitschek e a eleição do estudante José Batista de Oliveira Júnior, que iniciou um movimento pela politização dos estudantes.

A década de 60 teve início com a ascensão católica no movimento estudantil. Em 1960, a Juventude Universitária Católica (JUC) lançou, sem sucesso, a candidatura de Herbert de Souza (Betinho) à presidência da UNE. No ano seguinte conseguiu eleger Aldo Arantes, que colocaria novamente a entidade na vanguarda da luta pela reforma universitária. A Betinho caberia o papel de articulador da Ação Popular (AP), movimento dissidente à esquerda da JUC e que, nos anos seguintes, dominaria a entidade.

Os estudantes lançaram, então, campanhas pelas reformas de base, exigindo modificações imediatas do sistema educacional, capazes de tirar o Brasil do quadro de analfa-

Numa década em que as campanhas nacionalistas foram marcantes, os estudantes protestaram contra a visita do secretário de Estado norte-americano, Foster Dulles, ao Brasil



Agência O Globo

No início da década de 60, o movimento estudantil reivindicava reformas de base capazes de acabar com o analfabetismo e de criar um sistema de ensino mais justo

betismo em que se encontrava mergulhado e de possibilitar um sistema mais justo de ensino. Uma greve liderada pelos estudantes de Salvador (BA) chamou a atenção da sociedade para a necessidade de reformas e a UNE aprofundou as discussões críticas sobre a universidade, vista como um instrumento das classes dominantes na manutenção da ordem social existente. Logo a seguir, durante o I Seminário Nacional de Reforma Universitária, também na capital baiana, foi lançada a Declaração da Bahia, primeiro de uma série de textos programáticos do movimento estudantil brasileiro.

Já no primeiro parágrafo, o documento indicava o modelo desejado: "De maneira alguma atrairia a consideração de uma universidade tomada abstratamente, retirada do processo histórico que a nação atravessa. Incumbe-nos esboçar a missão de uma universidade existencialmente entendida, comprometida com as necessidades do povo brasileiro. Universidade historicamente datada e sociologicamente situada na segunda metade do Século XX, num país em fase de desenvolvimento."

Nesse período surgiu o Centro Popular de Cultura, conhecido como CPC da UNE, que uniu os interesses dos estudantes com os dos intelectuais, em busca de novos públicos e novas linguagens para a arte. O CPC congregou grandes nomes ligados à cultura e passou a integrar a luta em favor das reformas através da arte engajada, percorrendo o país com a UNE Volante. Nessas caravanas, a UNE lutava pela participação estudantil, com direito a veto, nos órgãos colegiados da universidade, na base de um terço dos integrantes. O movimento culminou com a chamada "greve de um terço", que paralisou a maioria das universidades brasileiras. A greve não alcançou os seus objetivos, mas para Arthur Poerner, no livro *O Poder Jovem*, "não pode ser considerada um fracasso total, pois no seu decurso contribuiu, sem dúvida, para aumentar a consciência política do estudante e sensibilizar a opinião pública em torno dos problemas da universidade".

O golpe militar de 1964 deu início a um regime de repressão e de perseguição política, que teve nos estudantes um dos seus principais alvos. A UNE partiu para a clandestinidade e encetou um novo período de lutas. As ruas, relata Poerner, "ganham um novo estudante, que passa a estudar, no asfalto das passeatas, a matéria cujo ensino lhe é negado nos bancos universitários: a realidade brasileira atual. Apreendida nas ruas, essa matéria faz parte de um curso não oficial muito mais amplo, que poderia ser chamado de Politização e Liderança e que terá, certamente, reflexos decisivos na história futura do Brasil."

No dia seguinte ao golpe, em 1º de abril, veio o primeiro sinal do que seria o futuro próximo. O prédio da UNE, na Praia do Flamengo, foi incendiado e líderes estudantis presos. O então presidente da entidade, o



Foto: Alberto Ferreira/AJB

estudante paulista José Serra (que em 1994 seria eleito senador da República por São Paulo) pediu asilo à Embaixada do Chile. E o governo militar criou mecanismos para a desmobilização e controle dos estudantes.

Uma das medidas mais drásticas foi a Lei Suplicy, aprovada pelo Congresso Nacional em novembro do mesmo ano. A *lei do suplício*, como foi chamada, de iniciativa do primeiro ministro da Educação do governo militar, Flávio Suplicy de Lacerda, extinguiu a UNE e as entidades representativas dos estudantes secundaristas. Em substituição, criou o Diretório Nacional de Estudantes. A lei vedava às representações estudantis qualquer manifestação de caráter político-partidário.

A UNE, na ilegalidade, desenvolveu um importante papel de resistência e continuou, na clandestinidade, a realizar seus congressos nacionais. Em junho de 64, foi criada a Frente Estudantil, com representantes das uniões estaduais que elegeram uma junta governativa, para traçar os movimentos da UNE. Os estudantes se encontravam nas ruas e a vaia passou a ser uma de suas armas. Uma passeata em Belo Horizonte, em março de 1966, reprimida com violência pela polícia, gerou uma série de manifes-

Na passeata dos cem mil, em 1968, a população do Rio de Janeiro uniu-se aos estudantes para reivindicar o retorno das liberdades democráticas

No decorrer de 1980, os estudantes fizeram uma série de manifestações na Praia do Flamengo, exigindo a devolução do prédio da UNE

tações de solidariedade em todo o país. Começaram, também, os protestos contra os acordos MEC/Usaid, que na avaliação dos estudantes estariam abrindo as portas do país para a interferência norte-americana na educação.

"Aos cartazes estudantis de *Abaixo a ditadura, Viva a soberania nacional. Povo sim, ditadura não. Abaixo o imperialismo. O voto é do povo e Se são fortes abram as urnas*, o povo reagia com aplausos e chuvas de papel picado do alto dos edifícios", conta Poerner. Em São Bernardo do Campo (SP), 178 estudantes foram presos durante um congresso clandestino da UNE-UEE. Em setembro, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi invadida por tropas da Polícia Militar e mais estudantes foram presos, dando início à *setembrada*, uma série de manifestações contra a repressão. O dia 22 de setembro ficou conhecido como o *Dia nacional de luta contra a ditadura*.

Mataram um estudante. Assassinaram Edson Luís de Lima Souto. A notícia se espalhou rapidamente pelo Brasil e provocou reações emocionadas. O jovem foi morto em março de 1968, durante conflito entre policiais e estudantes, no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.



Cristiano Paranaguá/AJB

O corpo foi velado na Assembléia Legislativa e mais de 50 mil pessoas compareceram ao enterro do estudante, que foi enrolado na bandeira nacional. Na missa de sétimo dia, mais violência, com a cavalaria da PM dispersando os manifestantes. A partir daí, proliferaram no país as greves estudantis, passeatas e choques com a polícia.

No dia 20 de junho, a polícia cercou a reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde um grupo de estudantes queria falar com a direção da escola, e prendeu mais de 400 manifestantes. No dia seguinte, numa passeata de protesto contra a repressão, foram presas cerca de mil pessoas, 57 ficaram feridas e três morreram. O dia ficou conhecido como *sexta-feira sangrenta do Rio de Janeiro*. Meses depois, a polícia "estourou" o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna (SP) e prendeu 700 estudantes, depois libertados. Os líderes Wladimir Palmeira, José Dirceu, Luís Travassos (presidente da UNE), Antonio Ribas, Edson Soares, Franklin Martins, Paulo Steller, Luís Raul Machado e José Arantes permaneceram presos, com exceção de Jean Marc van der Weid, que escapou sob nome falso e viria a ser o novo presidente da entidade.

Em dezembro, com o avanço das manifestações estudantis e o crescente apoio da Igreja e da classe média, o governo decretou o AI-5, que dava plenos poderes ao presidente da República e punha fim às liberdades individuais. No ano seguinte, em 26 fevereiro, o presidente Costa e Silva assinava o Decreto 477, definindo infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados do ensino público ou particular. Era um golpe que se pretendia fatal contra o movimento estudantil, pois as infrações previstas no decreto eram: aliciar ou incitar deflagração de movimento paredista ou dele participar; atentar contra pessoas ou bens de qualquer natureza, dentro ou fora dele; praticar atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não-autorizados ou deles participar; conduzir, realizar, confeccionar, imprimir, guardar ou distribuir material subversivo; seqüestrar ou manter em cárcere privado professor, aluno ou funcionário de estabelecimento de ensino; e usar dependência ou recinto escolar para fins de subversão ou prática de atos contrários à moral e à ordem pública.

As punições para as infrações seriam a demissão ou dispensa e proibição de ser nomeado, admitido ou contratado por qualquer outro estabelecimento de ensino, pelo prazo de cinco anos, quando se tratasse de membro do corpo docente ou funcionário; desligamento e proibição de se matricular em qualquer estabelecimento de ensino, pelo prazo de três anos, se se tratasse de aluno. No caso do bolsista, haveria perda do benefício por um prazo de cinco anos, se brasileiro, e expulsão do território nacional, se estrangeiro. E mais: os infratores tinham um prazo exíguo, de 48 horas, para a defesa. Além das medidas contidas no Decreto 477,

Cerca de 700 estudantes foram presos no XXX Congresso da UNE em Ibiúna (SP), em 1968. O XXXI Congresso só iria acontecer dez anos depois, após o início do processo de redemocratização

Esvaziado por
quase dez anos, o
movimento estudantil
ressurgiu em 1979, no
XXXI Congresso da
UNE em Salvador.
Discreto nos anos 80,
teve papel marcante
no movimento pelo
Impeachment do ex-
presidente Collor

outras punições podiam recair sobre os infratores, inclusive o enquadramento na Lei de Segurança Nacional, pois qualquer manifestação contrária à ordem instituída pelo Estado era considerada subversiva.

Apesar dos danos, de inúmeras carreiras acadêmicas ceifadas - ou desviadas para a luta armada - o movimento estudantil, esvaziado por muitos anos, viria a ressurgir em 1979, no XXXI Congresso da UNE em Salvador. A partir do Congresso de Ibiúna, os diretores da UNE atuavam na clandestinidade, usando nomes falsos e limitavam os contatos com alguns diretores de centros acadêmicos. Jean Marc, eleito presidente em 1969, defendia um recuo tático para reativar as executivas regionais, como forma de reorganização nacional, enquanto a diretoria achava mais importante uma luta política de caráter geral. Em setembro de 69 Jean Marc foi preso, e em janeiro de 1971 banido do país. A presidência da UNE ficou vaga até que os diretores decidiram indicar Honestino Guimarães, de Brasília. O jornal da UNE, *Movimento*, era distribuído com dificuldade. O ano de 1970 foi marcado por manifestações de rua, como a de 1º de Maio e do aniversário da morte de Edson Luís. O ano seguinte representou o início de um novo período de hibernação da entidade.

A UNE somos nós, nossa força, nossa voz. O coro de dez mil vozes ecoava no Centro de Convenções de Salvador. Era 29 de maio de 1979, abertura do XXXI Congresso da União Nacional dos Estudantes, com um discurso emocionado de José Serra, presidente do período 63/64: "A participação dos estudantes nesse processo é indispensável. Estamos certos que as lideranças estudantis, como o têm demonstrado, serenamente, nos últimos anos, serão capazes de colocar objetivos que são realmente apoiados pela população: liberdade, democracia, ponto final ao medo e ao ódio, justiça social. E o farão como participantes de uma UNE reconstruída, independente, soberana, democrática e forte, porque representativa da grande massa estudantil. Representativa a ponto de que os estudantes de todo o Brasil, de cada faculdade, poderão dizer a pulmões soltos: a UNE somos nós, nossa força e a nossa voz."

Políticos, líderes comunitários e ex-dirigentes participaram da abertura do Congresso. O senador Marcos Freire (falecido em 1987) estava lá e também discursou. A luta era pela democracia e pela anistia ampla, geral e irrestrita, e Freire, lembrando que estava ali representando os senadores do MDB que também participavam da resistência democrática, disse que "é preciso a UNE, mas é preciso por igual a união de todos os brasileiros que, nos campos ou nas cidades, têm um ideal comum de liberdade e de justiça para todo o país".

A UNE estava em pé novamente, saboreando o gosto da sobrevivência após dez anos de repressão. Nos anos seguintes, entretanto, a entidade teve uma atuação bastante discreta. Além do pouco espaço que lhe foi



Luiz C. David/AJB

deixado pelos partidos políticos, a partir da retomada da democracia, e sem um inimigo declarado que a chamasse à luta, a UNE se viu às voltas, também, com disputas internas.

Em 1992, a UNE voltou às ruas, desta vez junto com os estudantes secundaristas e os caras-pintadas, para lutar contra a corrupção que veio à tona com a CPI do Orçamento no Congresso Nacional e que desembocou no *impeachment* de Fernando Collor, o primeiro presidente da República eleito por voto direto desde o golpe militar. O presidente da UNE, Lindbergh Farias, alcançou projeção nacional e se elegeu deputado federal, em 1994. No mesmo ano, em 5 de maio, o terreno onde se localizava a sede da UNE, na Praia do Flamengo, e que nunca havia sido ocupado desde que o prédio fora demolido, foi devolvido à entidade, pelo presidente Itamar Franco, em cerimônia realizada no Rio de Janeiro, com a presença de um de seus primeiros presidentes - Hélio Almeida, que dirigiu a entidade em 1942 -, Aldo Arantes (presidente em 1961), Lindbergh Farias (1992), ex-dirigentes e participantes como José Paulo Sepúlveda Pertence e Barbosa Lima Sobrinho, líderes estudantis e representantes da sociedade civil. A retomada do seu espaço físico inaugura uma nova etapa na história da União Nacional dos Estudantes.

Estudantes e ex-dirigentes da UNE comemoram, com o presidente Itamar Franco e o ministro Murílio Hingel, a devolução do terreno. A UNE entra em uma nova etapa de sua história

"A diretoria da UNE conquistava as mentes através do seu discurso e o CPC conquistava os corações através da música, do teatro, da arte. Esse casamento foi absolutamente perfeito."

Herbert de Souza (Betinho)

A idéia era construir um país novo, através da arte

Não faz mal que amanheça devagar,
as flores não têm pressa, nem os frutos:
sabem que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono por chegar.
Portanto não faz mal que devagar
o dia vença a noite em seus redutos
de leste - o que nos cabe é ter enxutos
os olhos e a intenção de madrugar.

(Alba, de Geir Campos)

Q

uem abrisse, em 1962, um dos exemplares do *Violão de rua*, publicado pela Civilização Brasileira em parceria com a UNE, podia se encantar com o que havia de mais bonito e revolucionário na produção literária brasileira da época. Assim como Geir Campos, o poeta que cantou a mulher sob a temática da liberdade, o livro trazia trabalhos importantes de poetas consagrados, como Moacyr Félix - que organizou a coleção -, Ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, Affonso Romano de Santanna, e também abria espaço para o lançamento de novos poetas. Impressos pela Civilização Brasileira, milhares de exemplares do *Violão de rua* eram vendidos pelo Centro Popular de Cultura da UNE nos sindicatos, nas ruas e em locais de grande aglomeração de trabalhadores, como a Estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, onde faziam grande sucesso.

O Centro Popular de Cultura - o CPC da UNE -, como ficou conhecido, foi criado em março de 1961 exatamente com esse objetivo: levar ao povo, de forma massificada, uma arte nova, revolucionária, voltada para a questão social e para a realidade brasileira. E colocar a arte, até então acessível apenas às elites, a serviço da transformação social do país. Ao contrário do que diz *Alba*, os estudantes, artistas e intelectuais que integravam o CPC tinham pressa. A produção de peças teatrais e a divulgação de poemas era intensa, e o *Violão de rua* representava um dos melhores exemplos da atividade febril do CPC no início da década de 60, como relata Moacyr Félix a Jalusa Barcellos, em *CPC - Uma história de paixão e consciência*: "Como vendiam! Certa vez eu vi o pessoal do CPC vendendo na Central do Brasil. Era emocionante ouvir aqueles moços gritando: *Violão de rua* aqui, *Poemas para a liberdade!* E o povão comprando, entrando no trem e lendo aquilo. Então, eu ficava cada vez mais ligado ao CPC. Sempre com muito carinho e, cada vez mais, com a sensação do dever cumprido. Poxa, eu pensava, não é que a poesia está servindo de objeto de conscientização do operário?"

Embora ligado à União Nacional dos Estudantes, que bancava muitas das suas atividades, já que tinha sede e dotação orçamentária, o CPC possuía uma diretoria própria, da qual os estudantes não faziam parte.

Na verdade, o grupo diretor era composto de representantes de cada setor (cinema, teatro, música etc) e não havia uma hierarquia, as pessoas se impunham pelo trabalho. As sementes de sua criação foram lançadas através de uma excursão do Teatro de Arena paulista ao Rio de Janeiro, numa série de debates sobre a marginalização do artista em relação à vida política e social do país e a necessidade de se atingir um novo público, mais amplo. Nas discussões concluiu-se que o Arena, que atingia apenas uma minoria, não conseguiria cumprir sozinho a missão de atuar como instrumento de conscientização e organização da camada popular.

A movimentação que resultaria na criação do CPC começou com Oduvaldo Viana Filho (o *Vianinha*), Leon Hirzman e Carlos Estevam Martins, que fizeram os primeiros contatos com a UNE, motivados pela necessidade de vincular o movimento a uma entidade já organizada que oferecesse condições materiais e facilitasse o acesso à camada popular. Como os objetivos eram comuns, a parceria foi feita.

A experiência prática teve início num pequeno espaço na Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a montagem da peça *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*, de Oduvaldo Viana Filho. Mas foi só a partir de 1962, quando o presidente da entidade era Aldo Arantes, que o CPC se expandiu e foi testado, através da UNE Volante, em outros centros do país, onde fez enorme sucesso. Era um novo modo de teatro, uma nova forma de ver e entender a realidade. O compositor Carlos Lyra explica esse crescimento: "A nossa visão era de que nós estávamos fazendo um país novo, através desse projeto artístico. Acredito que o mesmo acontecia em outras áreas que não eram do setor artístico. Até porque o Brasil estava mesmo em alta naqueles tempos. O CPC é de 1961. Em 1962, fomos bicampeões mundiais de futebol. O país vivia um ritmo de desenvolvimento que gerou tudo isso: o Teatro de Arena, o CPC, o Oficina, a poesia concreta, os mundiais de futebol e de basquete, o campeão mundial de boxe Éder Jofre, peso-galo. Mas tem mais. Tem Maria Ester Bueno, campeã de tênis, tem Ademar Ferreira da Silva, campeão de salto tríplice, tem o desenvolvimento de todo o parque industrial, tem Brasília... Você vê, então, que o CPC não podia deixar de acontecer numa época em que toda a parte cultural deste país estava em ebulição. É claro que estamos falando de desenvolvimento em nível médio. Infelizmente, não era ainda o desenvolvimento do camponês, do operário. Era uma coisa muito dentro da classe média, porque todas aquelas pessoas eram de classe média."

"O Brasil estava em alta e vivia um ritmo de desenvolvimento que gerou tudo isso: o Teatro de Arena, o CPC, o Oficina, a poesia concreta, os mundiais de basquete e futebol, o Eder Jofre..."



Oduvaldo Viana
Filho, o Vianinha,
revolucionou o
teatro e levou o
Auto dos 99% e
Brasil, versão
brasileira, a todas as
regiões do país



Agência JB

A expansão do CPC da UNE mobilizou rapidamente um grande número de intelectuais que procuraram dar sua contribuição. Eram teatrólogos, escritores, pintores, jornalistas, músicos, compositores, cineastas. Nomes como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Cláudio Santoro, Osny Duarte Pereira, Barbosa Lima Sobrinho, Dias Gomes, Moacyr Félix, Maria Yedda Linhares, Jacques Denon, Alex Viany, Cacá Diegues, Ferreira Gullar, Teresa Aragão e muitos outros. Com isso, foi ganhando força, autonomia e platéias mais amplas. Segundo Ênio Silveira, "o CPC tinha o propósito de despertar toda a população do marasmo cultural em que vivia, abrindo-lhe os olhos e a consciência para a necessidade de repensar o Brasil em termos brasileiros, segundo a ótica dos deserdados do poder, dos humildes e ofendidos que uma automeada elite sempre quis manter nos patamares inferiores da pirâmide social".

Em 1962, o CPC estava mais organizado, principalmente no Rio de Janeiro, e apesar da tendência de associá-lo apenas ao teatro, possuía outros setores fortes, como o cinema e a música popular. Com espetáculos

às vezes mais lidos do que encenados, o teatro vinha com peças que foram levadas a todo o país como, por exemplo, *Auto dos 99%* e *Brasil, versão brasileira*, de Vianinha, *Miséria ao alcance de todos*, *Auto dos cassetetes*, *Auto do tutu tá no fim*, *Petróleo e guerra na Argélia*, *A vez da recusa*, *Eles não usam black-tie*. O cinema trazia *Cinco vezes favela*, uma fusão de cinco filmetes (*Um favelado*, de Marcos Farias, *Zé da cachorra*, de Miguel Borges, *Escola de samba, alegria de viver*, de Cacá Diegues, e *A Pedreira de São Diogo*, de Leon Hirszman,

produzidos pelo CPC, e mais *Couro de gato*, de Joaquim Pedro, que já estava pronto).

E a música surgiu com muita força, através da valorização de compositores populares como Cartola e Nelson Cavaquinho, além da gravação dos discos *O povo canta* e *Cantigas de eleição*, o primeiro composto das faixas *Canção do subdesenvolvido* e *Canção do trilhãozinho*, de Carlos Lyra e Francisco de Assis, *João da Silva*, de Billy Blanco, *Zé da Silva*, de Geny Marcondes e Augusto Boal, e *Grileiro vem, pedra vai*, de Rafael

de Carvalho. *Cantigas de eleição* trazia *Comprador de votos*, de Carlos Castilho, Oduvaldo Viana Filho e Armando Costa, e *Punta del Este*, de Roberto Quartim e Nelson Lins de Barros.

O Centro Popular de Cultura promoveu diversos cursos de teatro, cinema, artes plásticas e filosofia; realizou exposições gráficas e fotográficas sobre a reforma agrária, remessa de lucros, política externa independente, voto do analfabeto, Petrobrás. Tudo em praças públicas e pontos de concentração popular. Desenvolveu, ainda, um programa de edições próprias publicando literatura de cordel, como *João Boa Morte, cabra marcado para morrer, Quem matou Aparecida, história de uma favelada que ateou fogo às vestes, Zé Fominha, o homem que engoliu o navio, As safadezas do diabo com a mulher do coronel e Zé da Moléstia versus Tio Sam*. Organizou, junto com a Editora Civilização Brasileira, o I e II *Violão de rua*, volume extra da série *Cadernos do povo brasileiro*, que reunia poetas como Affonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gullar, Geir Campos, José Paulo Paes, Moacyr Félix, Paulo Mendes Campos, Reynaldo Jardim, Vinícius de Moraes, José Carlos Capinam e Francisco José. Uma atividade feérica, combativa e, muitas vezes romântica, como conta o cineasta Denoy de Oliveira:

"O CPC era uma espécie de tropa de choque da UNE. A gente estava presente em tudo. Aconteceu a invasão da República Dominicana pelos norte-americanos? A gente escrevia o *Auto da invasão*, fazia um trabalho pela cidade, de representação desse auto, que tinha no máximo dez minutos... E nós já tínhamos os tipos estandardizados. O Vianinha, que era comprido e alto, era sempre o Tio Sam. Ele já se prevenia e estava sempre lá com a sua cartolinha. Tinha outro, meio gordinho, que era sempre o burguês, outro com vozeirão fazia o capitalista, e o magrinho era sempre o camponês. Nós tínhamos um teatro para ser resolvido em cinco minutos. Acontecia alguma coisa e a gente tinha que dar uma resposta imediata. A peça ficava cinco minutos na Cinelândia. Quando a polícia chegava, a gente já estava na Central. Então era um teatro que vivia desse imediatismo. Era o momento político. Naquele momento, era visível a transformação da sociedade. Eu via nascer a República Popular."

Ferreira Gullar, um dos dirigentes do CPC, analisa o choque que o movimento de cultura popular deu na elite intelectual conservadora, de forma inesperada: "Na época, o radicalismo participante do CPC repugnava os doutores da literatura e da arte. Era a barbárie invadindo os sa-

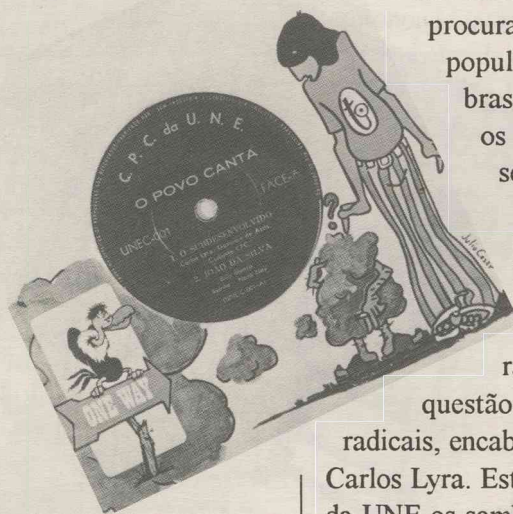


O Auto dos 99%
consagrou a
Canção do
Subdesenvolvido,
uma sátira bem-
humorada da
história do Brasil,
composta por
Carlos Lyra e
Francisco de Assis

lões delicados da cultura nacional. Não obstante, lá estavam os germes do novo cinema político brasileiro, do novo teatro político brasileiro, da nova música popular de protesto, enfim, de todo esse movimento cultural que hoje domina a atualidade artística do país. E mais: nasceu ali um pensamento cultural novo que, vencendo o radicalismo inicial necessário, aprofunda a visão de uma arte brasileira e ao mesmo tempo universal, ampla em suas colocações filosóficas e inquieta na procura de novos modos expressivos. O movimento da cultura popular foi um fenômeno inesperado no processo cultural brasileiro: jovens intelectuais e artistas voltam as costas para os círculos reconhecidos da vida cultural e artística, unem-se aos universitários numa entidade de massa, vão para os sindicatos e praças públicas buscar diálogo com o povo e nesse esforço recolocam para si e para os demais os problemas da arte."

Dentro dessa efervescência político-cultural, surgiram embates provocados por visões diferentes frente à questão cultural. Havia, basicamente, duas correntes: a dos radicais, encabeçada por Vianinha, e a dos moderados, do compositor Carlos Lyra. Esta defendia a busca da autenticidade, trazer para dentro da UNE os sambistas populares como Zé Kéti e Cartola, por exemplo, enquanto os radicais defendiam a influência no processo criador para desenvolver temas ideológicos, a instrumentalização da arte. O próprio Carlos Lyra reconhece: "Precisávamos de muitos radicais como aqueles do CPC. Pois foram os radicais que fizeram as coisas. O espírito coletivista daqueles radicais era tanto que, até hoje, não se sabe quem fez o quê. O Vianinha era singular, sem sombra de dúvida, mas havia vários com aquele mesmo pique, com aquela mesma garra. Eram muitos Vianinhas..."

Na efervescência político-cultural da época, os moderados defendiam a busca da autenticidade e do popular; os radicais queriam desenvolver temas ideológicos



Canção do subdesenvolvido

Carlos Lyra e Francisco de Assis

O Brasil é uma terra de amores
alcatifada de flores
onde a brisa fala amores
nas lindas tardes de abril
Correi pras bandas do Sul,
debaixo de um céu de anil
encontrareis um gigante deitado
Santa Cruz, hoje, o Brasil.

Mas um dia o gigante despertou,
deixou de ser gigante adormecido
e dele um anão se levantou.
Era um país subdesenvolvido,
subdesenvolvido, subdesenvolvido.

E passado o período colonial,
o país passou a ser um bom quintal,
e depois de dadas as contas a Portugal
instalou-se o latifúndio nacional.
Subdesenvolvido, subdesenvolvido,
subdesenvolvido, subdesenvolvido.

Então o bravo povo brasileiro (iiihuuuu),
em perigos de guerras esforçado (iiihuuuu),
mais que prometia a força humana,
plantou couve, colheu banana.
Bravo esforço do povo brasileiro,
mandou vir capital lá do estrangeiro.
Subdesenvolvido, subdesenvolvido,
subdesenvolvido, subdesenvolvido.

As nações do mundo para cá mandaram
os seus capitais tão desinteressados.
As nações, coitadas, queriam ajudar, não é?
Aquela ilha velha não roubou ninguém,
país de pouca terra só nos fez um bem,
um big-bem, um big-bem, bom, bem, bom
Nos deu luz (Ahh...) tirou ouro (Ohh...)
Nos deu trem (Ahh...),
mas levou o nosso tesouro...
Subdesenvolvido, subdesenvolvido,
subdesenvolvido, subdesenvolvido.

Mas data houve em que se acabaram
os tempos duros e sofridos,

pois um dia aqui chegaram
os capitais dos países amigos.
Países amigos dos desenvolvidos,
países amigos, países amigos,
amigos dos subdesenvolvidos,
países amigos, países amigos.
E nossos amigos americanos
com muita fé, com muita fé,
nos deram dinheiro e nós plantamos,
só café, só café...
Esta é uma terra em que se plantando,
tudo dá. Pode se plantar tudo o que quiser.
Mas eles resolveram que nós devíamos plantar
só café, só café...

Bento que bento é o frade.
Na boca do forno tirei um bolo.
Faremos tudo que seu mestre mandar.
Faremos tudo, faremos tudo,
faremos tudo.

Começaram a nos vender e a nos comprar
Comprar borracha, vender pneu,
Comprar minério, vender navio,
Pra nossa vela, vender pavio.
Só mandaram o que sobrou de lá.
Matéria plástica, que entusiástica,
que coisa elástica, que coisa drástica,
rock balada, filme de mocinho,
ar refrigerado e chiclete de bola.
E coca-cola.
Subdesenvolvido, subdesenvolvido,
subdesenvolvido, subdesenvolvido.

O povo brasileiro tem personalidade,
não se impressiona com facilidade,
embora pense como americano,
embora dance como americano,
embora cante como americano.
(ê boi, que roçado bom,
o meió do meu sertão,
comêro o boi...)
O povo brasileiro, embora pense,
dance e cante como americano,
não come como americano,
não bebe como americano,
vive menos, sofre mais,
isto é muito importante,
muito mais do que importante,
pois difere o brasileiro dos demais.
Personalidade, personalidade,
personalidade sem igual. Porém...
Subdesenvolvida, subdesenvolvida,
esta é que é a vida nacional.

A juventude se tornou mais pragmática e menos utópica

"As ruas ganharam um novo estudante, que passou a estudar, no asfalto das passeatas, a matéria cujo ensino lhe é negado nos bancos universitários: a realidade brasileira atual."

Arthur José Poerner

Arthur José Poerner

A juventude se tornou mais pragmática e menos utópica

O

Brasil mudou muito desde 1710, quando, como conta Olavo Bilac, a invasão francesa de Duclerc foi desbaratada, no Rio de Janeiro, por estudantes de conventos e colégios religiosos. Mas, a participação da juventude - sobretudo, a universitária e, mais recentemente, também a secundarista - nos mais importantes acontecimentos políticos e sociais da nossa história, tem se mantido constante desde então. E, com raríssimas exceções, como a adesão à revolta contra a vacinação obrigatória, em 1904, essa participação sempre se deu a favor do progresso, da justiça e da liberdade.

Os estudantes lutaram pela independência, inclusive na Inconfidência Mineira, pela abolição da escravidão e pela substituição da Monarquia pela República, bateram-se - universitários e cadetes - pelo nacionalismo florianista, protestaram contra as atrocidades militares na Campanha de Canudos e se destacaram nas campanhas civilista de Rui Barbosa e nacionalista de Bilac, assim como nos comícios da Aliança Libertadora.

A fundação da União Nacional dos Estudantes, em agosto de 1937, viria imprimir um cunho mais orgânico e permanente à participação, gerando a primeira passeata, pelo engajamento do Brasil na guerra contra o eixo nazi-fascista. A UNE combateria também o Estado Novo, o golpe contra o governo do presidente João Goulart e, ainda mais intensamente, a ditadura que se seguiu, com o seu cortejo de repressão policial-militar e de intervenção norteamericana na educação brasileira. O movimento contra a proibição da UNE, a destruição da Universidade de Brasília, a Lei Suplicy de Lacerda, o Decreto 477 e os acordos MEC-Usaid, a vaia no marechal-presidente Castelo Branco, o massacre da Praia Vermelha, o assassinato de Edson Luís, a sexta-feira sangrenta, a passeata dos cem mil e a prisão em massa dos participantes do XXX Congresso da UNE, na cidade paulista de Ibiúna, foram apenas alguns dos pontos altos desta fase, encerrada numa sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, com o Ato Institucional nº 5.



Françoise Imbrosi/AJB

A verdade é que a maioria dos estudantes não se empolga com o trabalho cotidiano de formiguinha, preferindo se guardar para os momentos cruciais

Eliminadas as poucas e heróicas possibilidades de sobrevivência do movimento estudantil como tal, uma minoria de jovens que recusou a rendição foi constituir maioria nas organizações de luta armada e na relação de mártires da geração dos anos rebeldes. E o poder jovem só voltaria às ruas das principais cidades do país quase nove anos depois, em março de 1977, para exigir, nos Dias Nacionais de Luta, na Semana da Anistia e no III Encontro Nacional de Estudantes, em Belo Horizonte, o "fim às torturas, prisões e perseguições políticas" e "anistia ampla e irrestrita aos presos, banidos e exilados".

Após a abertura e o início do processo de redemocratização, repetiu-se um fenômeno que também é uma constante na história do movimento estudantil: o refluxo que sucede as jornadas vitoriosas. É como se os jovens, alcançadas as metas mais imediatas, pedissem um tempo para descansar, à espera de novas e grandiosas bandeiras. Ora, bandeira de luta, diria o leitor, é o que não falta neste Brasil com milhões de analfabetos, desempregados, doentes, famintos, desabrigados e carentes do mínimo elementar à subsistência. A verdade, no entanto, é que a maioria dos estudantes não se empolga com o trabalho cotidiano de formiguinha, preferindo se guardar para os momentos cruciais, como o que estamos vivendo.

Tanto que a UNE, acostumada a dialogar com presidentes da República, vem tendo uma presença bas-

tante discreta na vida política nacional desde sua reconstrução no 31º Congresso, em 1979, em Salvador. Houve até quem a declarasse tão morta como o presidente que elegera em 68, Honestino Guimarães. Para corroborar a tese - defendida, por exemplo, pelo colega paulista Artur Ribeiro Neto, no I Seminário Nacional de História do Movimento Estudantil, realizado em setembro de 1988, em João Pessoa, o aparelhamento hegemônico da entidade por partidos como o PC do B e o PT no período que se seguiu ao ressurgimento. Falha que seria sanada no ano seguinte, com o restabelecimento de critérios de proporcionalidade na direção da entidade.

Outros motivos podem ser invocados - pelo menos, como hipóteses - na tentativa de explicar o declínio do movimento estudantil nos últimos anos. Primeiro, é preciso não esquecer que a liderança por ele alcançada na década de 60, quando viveu o seu auge, era, em parte, resultante do esmagamento pela ditadura do movimento sindical urbano e rural. Os estudantes ocuparam, assim, os espaços de que os trabalhadores haviam sido expulsos, pois está provado que, na América Latina, a força estudantil cresceu sempre na razão inversa da sindical.

Em segundo lugar, com o fim da ditadura militar, deixou de existir um inimigo claramente definido. Ou seja, a situação do país é, hoje em dia, muito mais ambígua: embora a ditadura persista no plano sócio-econômico,

Aldo Arantes

Os estudantes brasileiros sempre fizeram História

A

cho que a UNE, o movimento estudantil em geral, tem sido historicamente, no Brasil e em toda a América Latina, uma escola de formação de quadros políticos. Na verdade, se analisarmos a história do movimento estudantil no Brasil, vamos ver que nos momentos mais marcantes ele esteve presente. Foi assim na abolição da escravatura, na luta pela República, na resistência ao Estado Novo e a Getúlio Vargas. E, ainda, na campanha pelo petróleo, pela democratização do ensino e na luta contra a ditadura militar.

A marca da juventude estudantil nos países da América Latina vem do grau de estratificação da sociedade como um todo. A participação dos outros segmentos sociais sempre foi menor, teve menor grau de organização. Na década de 60, por exemplo, as entidades com maior força foram, fundamentalmente, as estudantis, com destaque para a UNE.

A principal razão para isso é o fato de que os estudantes são o segmento com acesso ao conhecimento que gera o espírito crítico, que, aliado

à tendência à contestação, uma característica própria da juventude, forma a consciência política.

A UNE foi o elo mais importante de articulação do movimento democrático no Brasil, ao longo de sua história. Não podemos esquecer que o próprio Ulysses Guimarães e Rogê Ferreira, por exemplo, militaram no movimento estudantil, que teve grande crescimento na década de 60 e foi retomado nas eleições de 1994, num patamar mais elevado, com a eleição de Lindbergh Farias.

O AI-5 deu uma quebra no movimento estudantil, que vinha num nível crescente de mobilização até acontecer o golpe militar de 1964. A reorganização enfrentou grande dificuldade, não só por causa das marcas deixadas pela violência e pelas torturas, mas também por uma espécie de lavagem cerebral que foi feita na juventude pela ditadura militar. Foi um trabalho psicológico com a finalidade de exacerbar o indivíduo em detrimento do social, do coletivo. E essa visão individual teve um reflexo muito amplo.



Arquivo

Apesar de tudo a chama continuou latente, tomou corpo; a juventude estudantil retornou no episódio do impeachment do presidente Fernando Collor e vem consolidando sua força a partir daí.

Fui presidente da União Brasileira dos Estudantes num momento muito relevante. Eu vinha da Juventude Universitária Católica - JUC, que era a esquerda do movimento estudantil e foi o embrião da Ação Popular - AP. No ano anterior, o candidato da JUC havia sido o Betinho (Herbert de Souza), que não conseguiu se eleger. Mas, a partir do meu mandato até o fechamento da UNE em 1968, houve uma hegemonia: todos os presidentes foram da AP.

O significativo dessa gestão é que marcou uma nova fase da UNE, que foi a de combinar a luta geral em defesa da democracia e antiimperialista com as questões específicas estudantis. Esta fase começou com a luta pela reforma universitária e o II Seminário pela Reforma Universitária.

Logo que assumi, entretanto, houve a crise provocada pela renúncia do presidente Jânio Quadros e a tentativa de golpe que se sucedeu. Quatro dias antes da renúncia eu havia estado com Jânio para me apresentar como presidente da UNE.

A resposta dos estudantes à tentativa de golpe foi imediata. A entidade convocou uma greve nacional e deslocou sua sede para o Rio Grande do Sul. De lá, de Porto Alegre, a UNE se incorporou à resistência pela lega-

lidade e eu falava para estudantes de todo o Brasil a partir da Rádio Guaíba, através da "cadeia da legalidade".

O papel da entidade foi fundamental na resistência aos golpistas que pretendiam impedir a posse do vice-presidente João Goulart. Tanto que Jango, com todo o seu Ministério - incluindo o primeiro-ministro Tancredo Neves e os ministros militares - foi o primeiro e único presidente da República a visitar a sede da UNE. Ele foi para agradecer a participação dos estudantes.

Essa atuação foi no campo geral. Na parte dos problemas específicos, começamos a luta pela reforma universitária: nós criticávamos o caráter arcaico da universidade brasileira, que tinha a figura do catedrático vitalício e um currículo dissociado das necessidades do país. Por exemplo, na Arquitetura, queríamos ênfase na construção da habitação popular; na Economia, queríamos respostas às necessidades da sociedade. Enfim, lutávamos para que a universidade atendesse às necessidades da maioria. Ao mesmo tempo, exigíamos a democratização do poder político na universidade com a participação de um terço dos estudantes nos órgãos colegiados que a dirigiam.

A partir daí houve um esforço para mudar nossos métodos de atuação, sair do Rio de Janeiro e ir para o interior, levando a mensagem da UNE ao interior do país, para que, então, ela se tornasse um movimento verdadeiramente nacional. Desse esforço

Lutávamos para que a universidade atendesse às necessidades da maioria. Ao mesmo tempo, exigíamos a democratização do poder político

Apesar da repressão, a chama continuou latente, tomou corpo e os jovens retornaram nos protestos pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor

nasceram o Centro Popular de Cultura - CPC e a UNE Volante.

O CPC surgiu da fusão do interesse dos estudantes em buscar novos métodos para atingir as massas e dos intelectuais em busca de novas linguagens e novos públicos. O CPC teve início em São Paulo, com Gianfrancesco Guarnieri e Oduvaldo Vianna Filho, com a peça Eles não usam black-tie. Depois, eles se articularam com o pessoal do Rio de Janeiro - Cacá Diegues, Carlos Vereza e Ferreira Gullar, entre outros.

Paralelamente, estava em elaboração a UNE Volante, que era composta por cinco integrantes da diretoria da entidade e 20 do CPC. Ela percorreu o país, de Porto Alegre a Manaus, passando por todas as capitais com exceção de São Paulo e Rio, onde tinha presença marcante. Nessas cidades realizávamos assembléias gerais para debater a crise na universidade brasileira, divulgar as propostas do seminário pela reforma universitária e articular formas de luta, e o CPC promovia apresentações artístico-culturais.

O impacto desse trabalho na sociedade foi muito grande. Enquanto a UNE Volante era esperada com expectativa nos estados, a imprensa conservadora reagia através de ataques diários, em que acusava a UNE de estar "comunizando o Brasil".

Ao final da UNE Volante, em 1962, houve uma greve nacional, chamada greve de um terço, que foi talvez a mais importante paralisação universitária no Brasil.

Durante toda a minha gestão houve muitos momentos importantes. Talvez o maior tenha sido o episódio da renúncia de Jânio, a resistência democrática, a juventude nas ruas com canhões e metralhadoras e a vitória na posse de Jango. Outro fato que deixou marcas foi a sede da UNE ter sido metralhada quando se mostrava o início do movimento golpista. Começavam a aparecer as pichações nos muros, como "você já matou seu comunista hoje?" E entre os nomes dos "comunistas" listados por eles estavam os de Miguel Arraes, Leonel Brizola e o meu.

Das lembranças boas, temos a visita ao Brasil de Yuri Gagarin, o primeiro homem a ir ao espaço. Ele esteve na sede da UNE e isso foi muito significativo para nós, até pelo que ele representava na época: o avanço tecnológico da União Soviética.

A militância me aproximou de Betinho, com quem cresci e depois vivi, muitos anos, na clandestinidade. Outra personalidade que marcou aquele período da minha vida foi Leonel Brizola, que tinha um prestígio grande com a juventude e, inclusive, ajudou a viabilizar a UNE Volante. Aprendi muito com a coragem dele, naquela época.

Aldo Arantes foi presidente da UNE no período 1961/62. É deputado federal pelo PC do B de Goiás.

Darcy Ribeiro

A UNE ensinou o jovem a ser responsável pelo país

A

UNE é das coisas melhores que aconteceram no Brasil. Foi a forma encontrada de conclamar a juventude privilegiada das universidades, que são três por mil dos jovens brasileiros, a exercer a sua responsabilidade em relação àquela imensa massa de gente que não tem como se expressar.

A UNE sempre foi leal. Isso é lindo. Ela foi sempre leal a essa juventude jogada fora, lançada na miséria. Ela sempre atuou em relação aos interesses da juventude e encarnou um papel de luta patriótica que salvou muito jovem. Porque muito jovem universitário poderia crescer como um bestinha, como um privilegiado, orgulhoso de seu doutoradozinho. E a UNE os salvou, acenando com uma responsabilidade política e social.

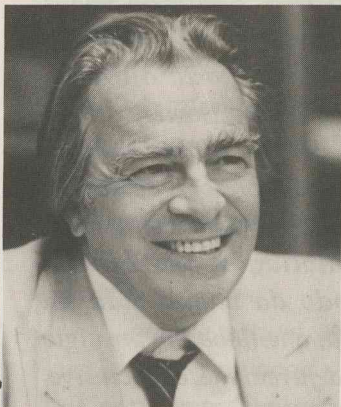
Num país que tem o intestino à mostra como o Brasil, num país com um drama social tão profundo, é muito importante que a juventude tenha uma atitude política de indignação. Um jovem inglês não precisa de indignação, porque a Inglaterra deu certo; a Austrália também. Mas o jovem brasileiro tem que ficar indig-

nado: tanta criança com fome, tanto jovem lançado na miséria, tanta pobreza desnecessária; é inexplicável como o Brasil consegue fazer tanta gente com fome tendo tanto recurso para produzir.

A UNE foi a encarnação dessa indignação durante anos. Eu participei, não no ano da criação, mas logo depois, na década de 40, das primeiras reuniões no Rio de Janeiro e, desde então, acompanhei com muito interesse a vida da entidade.

Como ministro da Educação e como chefe da Casa Civil do governo Jango (presidente João Goulart) nós demos todo o apoio à UNE. Tanto que a UNE pode realizar um trabalho cultural no país inteiro. Eu fui muito criticado por causa dos recursos que eu passava para a UNE, mas o que eu passava não eram só recursos, eram também tarefas para a UNE exercer no país inteiro, chamando os jovens brasileiros à sua responsabilidade.

A ditadura militar, quando se implantou, encheu-se de raiva contra a UNE. Uma das primeiras agressões a ela foi muito difícil, porque incen-



Agência O Globo

diou e tomou o edifício da UNE e, depois, passou a perseguir os estudantes. Uma das lutas principais contra a ditadura era a resistência dos estudantes que não se entregavam e continuavam fazendo reuniões clandestinas; eles foram muito perseguidos. A UNE teve muitas vítimas, através da história brasileira e nas lutas democráticas.

Um dos instrumentos da ditadura específicos contra a UNE foi o Decreto 477, que era um decreto horrível, a cara pior da ditadura, porque impedia a juventude de estudar só porque tinha uma ideologia. Anulou a carreira de estudantes. Houve centenas de estudantes vitimados por ele. Nesse período todo, eu estava exilado, mas acompanhava de lá essa luta permanente dos estudantes brasileiros.

A UNE, agora, com a redemocratização, começa a retomar o seu papel. É ainda difícil porque os partidos políticos estão ocupando todo o espaço e ela ocupa um espaço menor do que tinha anteriormente, mas seus líderes começam outra vez a se elegerem, como ocorreu no passado, como pessoas que se preparam para a carreira política e são treinadas ali para exercerem o papel de líderes democráticos e combativos. Muitos políticos brasileiros foram formados através da UNE, surgiram dela, dos primeiros dias até hoje.

Não havia outro modo. Havia no Brasil duas formas para que qualquer pessoa se politizasse: uma, nos partidos, em duas orientações: o Partido Comunista e o Partido Inte-

gralista. Seja num, seja no outro, os jovens eram chamados à militância política e a assumir o país. Eu, por exemplo, foi o Partido Comunista que me ensinou a ser responsável pelo destino humano. O que quer que aconteça com o povo, em qualquer lugar do mundo, eu sou parte e eu estou pronto a brigar por ele. E esse sentimento gera responsabilidade pelo humano.

A UNE representava esse sentimento num sentido mais geral, havia militantes lá de todas as correntes políticas e era um criatório de jovens mais inteligentes, mais ambiciosos, mais claros de cabeça, que ali aprendiam a ser responsáveis pelo Brasil, a se encher de indignação contra a miséria do povo.

Darcy Ribeiro é antropólogo e escritor. Criou a Universidade de Brasília (DF) e é senador da República pelo PDT/RJ.

O jovem brasileiro tem que ficar indignado: tanta criança com fome, tanto jovem na miséria, tanta pobreza desnecessária, apesar de tanto recurso para produzir

Ferreira Gullar

A cultura como instrumento de transformação social

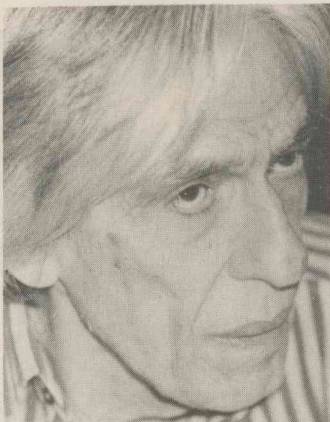
A

função do CPC não era mudar o teatro brasileiro. O CPC da UNE teve sua importância maior no trabalho de conscientização, de levar, através do teatro, do cinema, da música, uma visão política para o meio universitário, para os trabalhadores. Essa era a proposta do CPC e temos que reconhecer, numa visão crítica, que os objetivos não foram plenamente alcançados. A proposta do CPC, de algum modo, simplificava a questão da relação entre cultura e consciência política. Acho que nós incorremos em alguns erros que, no final de 63, já haviam sido detectados e então começamos a discuti-los e a buscar soluções.

No início do CPC, havia uma atitude um tanto radical que consistia em achar que o conceito de cultura popular devia ser entendido como a cultura que transforma, que conscientiza. Essa visão, que era generosa, na verdade implicava numa subestimação dos valores estéticos, como por exemplo, na parte de teatro: se a preocupação era levar certos conceitos políticos para o espectador menos

consciente, como favelados e operários, então não existia uma preparação maior quanto à elaboração dessa peça. A qualidade da dramaturgia, da linguagem teatral era secundária. A preocupação era fazer uma coisa bem simples, bem imediata, que pudesse ser entendida por qualquer pessoa. Isso significava que, do ponto de vista teatral, o produto era de qualidade inferior.

Isso mostrou, ao mesmo tempo, que apesar dessa simplificação o público esperado também não correspondia. A gente ia à favela e o pessoal da favela não assistia, só criança ficava vendo... um ou outro adulto que se afastava... ficava sem entender. Alguns, depois, faziam perguntas sobre o que não entendiam, porque eles não tinham os dados necessários para compreender o que estava sendo mostrado ali, que era um problema muito complexo. Para nós, era muito simples falar de imperialismo, de exploração econômica, de dominação dos países latino-americanos. Para nós era muito simples, mas para o povão isso era uma coisa altamente



Alaor Filho/AJB

complicada, porque eles não tinham os dados para compreender.

Nós vimos isso e começamos a reavaliar a proposta do CPC. Isso foi em meados de 63. Pouco depois, veio o golpe de 64 e a ditadura, de modo que essa autocrítica não foi levada à prática. Aliás, ela só foi efetivada com o Teatro Opinião, porque aí, nós, alguns membros do CPC, criamos um grupo teatral que se chamou Grupo Opinião e que, na verdade, levou à prática a visão corrigida do CPC. E partimos, então, para a valorização do espetáculo teatral sem abrir mão da proposta política, que era o conteúdo do nosso trabalho, anteriormente, no CPC da UNE.

Ferreira Gullar é poeta e teatrólogo. Presidia o CPC da UNE quando ocorreu o golpe militar de 1964.

Para nós era muito simples falar em imperialismo, em exploração econômica, em dominação dos países latino-americanos, mas para o povo isso tudo era muito complicado

Sepúlveda Pertence

A UNE abriu espaço para novas lideranças políticas no país

E

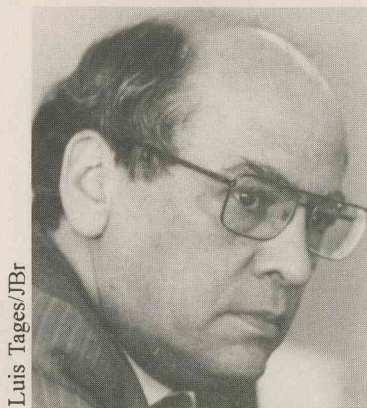
u vivi a UNE num período de plenitude democrática. Militei no movimento estudantil exatamente no quinquênio Juscelino Kubitschek, de 56 a 60, marcado por uma grande tolerância política. De tal modo que foi um quinquênio em que a entidade desempenhou, com toda a liberdade, o seu papel fundamental, de não apenas atuar no plano político do país, mas funcionar como instituição básica na formação de lideranças políticas a partir do mundo universitário.

Tempo em que a UNE - e essa era uma característica muito importante - conseguiu manter-se apartidária, tomando posições conforme a conjuntura, ora contra o governo, ora a favor. Lembro-me até que estando no exercício da presidência, fui orador num dos momentos mais raros do que os de crítica, que a UNE comandou, nos jardins do Palácio do Catete, numa manifestação em favor do presidente Kubitschek a propósito do rompimento com o Fundo Monetário Internacional.

A tônica do meu discurso foi que aquela era a prova de que não tinha-

mos partidarismo. Então, repetia diversas vezes: "Hoje estamos aqui para aplaudir o senhor presidente, como ontem estávamos para criticá-lo a propósito de... Hoje estamos aqui ao seu lado, como ontem estávamos..." Assim, revivi, no discurso de homenagem, todas as críticas que fizeram ao presidente. Quando eu terminei, o presidente perguntou: "Você é filho do Zé Pertence?" Eu falei que sim, e o presidente: "Ah, sim. Da próxima vez que encontrá-lo, vou dizer que seu filho é muito desafortado. Você veio aqui para me homenagear e passou a metade do tempo a me criticar..."

Nessa época, no campo universitário houve uma série de questões em que a UNE atuou, como na discussão da Lei de Diretrizes e Bases, acompanhando as polêmicas na Câmara dos Deputados entre San Tiago Dantas e Carlos Lacerda. Mas, realmente, foi uma época em que a tônica maior caía sobre os problemas nacionais, e a UNE engajada no que se poderia chamar de a grande bandeira da época, a do nacionalismo econômico.



Luis Tages/JBr

A gestão de que participei começa com um fato marcante ao mesmo tempo pitoresco: anunciava-se a vinda do então secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles, que se associava a uma pressão pela quebra do monopólio estatal do petróleo, que era o nosso símbolo. E a diretoria que nos antecedeu, para chamar a atenção para o fato, lançou o slogan Dulles não passará em frente à UNE. E difundiu que tinha um plano que impediria a sua passagem pela Praia do Flamengo, o que era urbanisticamente difícil. O certo é que nós tomamos posse em Bauru, onde foi o congresso nacional, no sábado, e a chegada de Dulles seria na segunda-feira pela manhã.

A essa altura, corriam versões as mais disparatadas sobre o plano secreto que a UNE teria guardado em um cofre forte na sala da presidência. Entre elas, a de que disporíamos de não sei quantas centenas de mães para atravessar os carrinhos de seus bebês na Praia do Flamengo. Chegamos ao Rio domingo, com essa batata quente para descascar. O que faríamos? O governo preocupadíssimo. Tão logo chegamos fomos procurados por Oswaldo Aranha, que nos convidou para uma conversa no Praia Bar, que ficava ao lado da UNE. Ele fez apelos dramáticos e nós duros, não arredamos pé. Às tantas, o próprio presidente da República chegou a cogitar de resolver o problema para nós: receberia Dulles no Palácio do Catete e, conseqüentemente, ele passaria pela rua do Catete e não pela

praia. Mas veio o veto do Itamarati, porque em não se tratando de chefe de Estado ele não poderia ser recebido no Palácio no mesmo dia da chegada ao país. Teria que ser no dia seguinte.

Aí, gorou tudo. E fomos nós, então, nos reunir em Copacabana, no apartamento do Zé Aparecido, à busca da solução que só surgiu pela madrugada: mudar a sede da UNE, simbolicamente, para o Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Arquitetura, na Urca. Isso propiciou a manchete irônica dos jornais do dia seguinte: Para que Dulles não passasse a UNE mudou para a Praia... Vermelha. Tão logo ele passou de volta para o Galeão, com o apoio da UMES, de centenas de estudantes secundaristas, com baldes, limpamos a Praia do Flamengo, lavamos, desinfetamos, para podermos voltar e reinstalar solenemente a UNE.

Podemos falar de dezenas e dezenas de nomes da maior significação que passaram pelo movimento estudantil naquela época. Muito importante, porque marcou uma certa virada política da UNE e a sua completa desvinculação do Ministério da Educação - que superou uma fase cheia de suspeitas, chamada de ministerialismo, em que alguns presidentes deixavam a direção da UNE e se transformavam em chefes de gabinete do Ministério da Educação - foi a eleição de José Batista de Oliveira Júnior, em 1956. Ele se tornou nacionalmente famoso quando era presidente da UME carioca e coman-

A UNE atuou nas discussões em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e se engajou na grande bandeira da época, que era a do nacionalismo econômico

Depois que Dulles
passou de volta
para o Galeão,
nós lavamos e
desinfetamos a rua
para reinstalar
solenemente a UNE,
com o apoio de
centenas de
estudantes
secundaristas

dou a greve que, por uns três dias, paralisou os bondes e grande parte do trânsito do Rio de Janeiro. As linhas em frente à UME foram ocupadas por estudantes jogando damas, xadrez, pingue-pongue.

Este marcou o início do quinquênio de minha participação na UNE. E, ao final, outra figura - ainda hoje um grande símbolo de cidadania brasileira - que foi o Betinho, quando a JUC, da qual ele participava, se tornou um dos segmentos mais importantes da frente ampla, que nós chamávamos O grupão e que controlou as diretorias da UNE durante esse tempo todo. Betinho foi o nosso pré-candidato em 60, mas foi vencido no grupo. A JUC foi ganhar, logo em seguida, com Aldo Arantes, e seguiu nessa linha até José Serra, em 64.

José Paulo Sepúlveda Pertence foi vice-presidente da UNE na gestão 1959/60. Ex-procurador-geral da República, assumiu a vice-presidência do Supremo Tribunal Federal em 1994.

Moacyr Félix

É preciso pintar de cores novas a cara da História

Eu cheguei à UNE pela porta do CPC. Quando o movimento surgiu eu trabalhava com essa figura extraordinária de cidadão e intelectual que é o Ênio Silveira, na preparação da coleção Cadernos do Povo Brasileiro, uma série de títulos de abordagem e discussão dos grandes temas que dominavam o mundo na época.

Um dia entraram em minha casa duas figuras de quem eu já gostava e pelas quais tinha um imenso respeito: Ferreira Gullar e Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha. O Gullar eu conhecia bem desde o lançamento de seu extraordinário primeiro livro, *Luta corporal*. Gullar entrou mais calmo, com aquele jeito de índio velho e o Vianinha, em toda sua exuberância e com toda aquela gesticulação. Ele conseguia fazer cem movimentos com os braços enquanto pronunciava duzentas palavras.

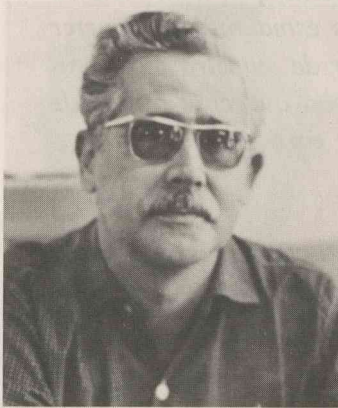
O Vianinha diz: "Você que é um poeta de esquerda, você que é um poeta socialista, você que é um poeta comunista, precisa nos ajudar. Nós sabemos que você está com um livro pronto, chamado *Violão de rua*. Como

lá no CPC nós estamos fazendo teatro nos sindicatos, estamos fazendo cinema popular, queremos fazer isso também na literatura. Queremos fazer poesia voltada para o social e este é o nosso título: *Violão de rua*.

Sugeri, então, que se aproveitasse a série, incluindo uma publicação, que passou a se chamar *Cadernos do povo brasileiro*, para o CPC da UNE. A UNE venderia esses cadernos e ficaria com a renda para ela. Seria uma maneira da UNE, também, fazer um dinheirinho, ao mesmo tempo em que espalharia poesia pelo país inteiro. Eufórico, Vianinha concordou.

A própria Civilização Brasileira bancou as publicações. Os volumes eram entregues ao CPC da UNE, que os vendia. Vendiam na Central do Brasil, nos sindicatos, nas ruas. Os livros foram muito vendidos. Eram edições de milhares de exemplares. Foi um grande sucesso.

Mas a primeira coisa que uma ditadura faz é acabar com a filosofia e a sociologia. Ou então acaba com movimentos como o CPC da UNE, que queria levar cultura ao povo.



Braz/AJB

A UNE ressurgiu revigorada. Minha esperança é que os jovens que pintaram a cara e movimentaram o país parem e se perguntem: mas isso deu em quê? É preciso aprofundar esse momento

Agora, a UNE ressurgiu novamente revigorada. A minha esperança é que esses jovens que foram para as ruas, que pintaram a cara e movimentaram o país, eles mesmos, de repente, parem e se perguntem: mas isso deu em quê? Que eles se sintam usados, de certa maneira. Deixamos nos impressionar por manchetes, mas nós não enraizamos o nosso gesto em nada que tenha consequência histórica. Nós não agimos sobre a História. Houve uma pequena ação. Mas queremos aprofundar esse momento. Tenho a impressão que vai surgir, sim, a necessidade de um aprofundamento do movimento estudantil. Esse movimento de caras-pintadas já foi um bom começo. Acho que, mais cedo ou mais tarde, os estudantes vão querer se reorganizar de maneira mais profunda. E aí vão querer é pintar de cores novas a cara da História.

Moacyr Félix é escritor e poeta. Dirigiu a coleção *Cadernos do povo brasileiro* e criou o *Violão de rua*.

Reynaldo Jardim

Um amor deslavado pela liberdade das pessoas

A

UNE do tempo de Jango não foi um fenômeno isolado da cultura brasileira. Efervescência, criatividade, rebeldia, coragem, audácia, dedicação às causas populares, um amor deslavado pela liberdade das pessoas, do povo, da sociedade. Década de 60. É o nascimento de Brasília, da bossa nova, do cinema novo, dos concretismos, do jornal O Sol. Sem o golpe de 64 viveríamos hoje um Brasil de justiça social, pelo menos. Centenas de nomes, heróicos companheiros: Vianinha (Oduvaldo Viana Filho, teatrólogo), Gullar (Ferreira Gullar, poeta), Pontes (Paulo Pontes, teatrólogo), Teresa Aragão (jornalista). Não quero citar nomes, sempre fui um desmemoriado de Vigário Geral. Com ênfase lembro do Ênio Silveira, da Civilização Brasileira. Violão de rua, Cadernos do povo brasileiro, dirigidos pelo Moacyr Félix.

Últimos meses do CPC. Vianinha e Gullar me chamam para criar um jogral. Começam os ensaios. Vem o golpe. Tudo encerrado. UNE em chamas. É a repressão, a censura, algum medo. Mas ainda era possível algum

protesto, enganar os censores e falar. Tempo em que Fernando Barbosa Lima assumia a direção da TV Continental, Jornal de Vanguarda. Eu fazia por dia um poema que escrevia e lia alguns minutos antes do programa ir ao ar, direto, ao vivo. A morte de Edson Luis de Lima Souto, no restaurante Calabouço. Assassinato. Rebelião estudantil. Passeata.

13 de dezembro, 1968, meu aniversário. AI-5. Instala-se de maneira definitiva o terror. É um massacre. O Jornal de Vanguarda do Fernando estava no ar. TV Rio. Recebo um telefonema. Não venha. O pessoal do Comando de Caça aos Comunistas estava lá, baixando o pau. Programa fora do ar. A vida fora do ar.

Um mês antes eu havia publicado Maria Bethania Guerreira Guerrilha. Polícia em casa. Depoimento no DOPS. Nessa época eu dirigia o Correio da Manhã. Intimação. Compareço ao DOPS com três advogados. Acusação: livro subversivo e pornográfico. Havia a palavra vagina, considerada imoral. Marcelo Alencar era um dos diretores do Correio da



A UNE não foi um fenômeno isolado. Na década de sessenta havia mais criatividade, mais coragem e dedicação às causas do povo.

Precisamos restaurar aquela rebeldia

Manhã. Ele também me acompanha e faz minha defesa. Tive a sorte de nunca ter sido preso. Ainda nos tempos da UNE publiquei o cordel As safadezas do diabo com a mulher do coronel. Era coronel de fazenda, os militares pensavam que era coronel do Exército. Um dia, pelos jornais, recebo uma intimação para comparecer ao QG, Primeira Região Militar. Dia e hora marcados. Compareço. Procuo o sargento ao qual deveria me apresentar. "Entrou ontem de férias". Que é que eu faço? Ninguém sabe. Vou embora e me livro de um processo.

O pior é que ninguém me dava emprego. Não tinha o salvo conduto do Partidão (Partido Comunista Brasileiro), que não me tinha nos seus quadros, apesar de promover na minha casa inúmeras reuniões com o pessoal enquadrado. Nicolas Gulhen esteve em casa lendo os seus poemas. Comeu dois ovos fritos com pão, pois não havia jantado.

Voltando ao livro que foi apreendido pela polícia, o Maria Bethania. Ela foi chamada a depor. Sinto enorme culpa por tê-la envolvido nesse episódio. Passei anos sem vê-la, constrangido. Desses tempos ainda tenho os poemas de resistência lidos diariamente na tevê.

O inimigo daqueles tempos é o mesmo de hoje: esse capitalismo miserável e bárbaro disfarçado em democracia representativa. A juventude sai

às ruas de cara pintada e fica nisso. Precisamos restaurar a rebeldia antes que este país apodreça de vez.

Reynaldo Jardim, poeta e jornalista, criou o caderno B do Jornal do Brasil, foi portavoz do movimento de arte concreta no Brasil e dirigiu a revista Senhor.

Chico Dias

A UNE atraiu o que havia de melhor na cultura brasileira

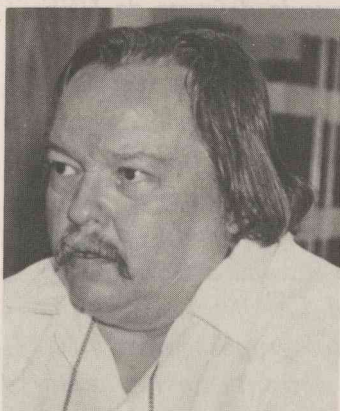
A

ligação da União Nacional dos Estudantes com o Centro Popular de Cultura foi produtiva. O CPC, no final de 61, era o primeiro movimento aglutinador da intelectualidade brasileira - servindo de ponte com o movimento estudantil - e atuante politicamente, com predominância nos setores de música, teatro e literatura. A UNE, pela intensa ação política dos estudantes, era a grande ponta-de-lança da sociedade dita esclarecida do Brasil, ocupando papel de destaque na luta pelas reformas de base que o governo João Goulart pretendia promover no país, para grande pavor das classes conservadoras.

Por isso, o casarão da Praia do Flamengo, que já tinha uma grande movimentação, depois que ali se instalou o CPC passou a ser o ponto de efervescência do processo político da época. Em seu auditório aconteceram os grandes debates sobre as reformas. Todos os fatos que antecederam a derrubada de Jango foram também questionados ou denunciados. Na parte cultural não era diferente. Com o início das atividades

editoriais do CPC, lançando os Cadernos do povo e o Violão de rua, grandes noites de autógrafos, com a presença de nomes como Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Paulo Mendes Campos, Oscar Niemeyer (que através do CPC se revelou como poeta), Cassiano Ricardo e tantos outros intelectuais de renome atraíram para a sede da UNE o que havia de melhor no Rio de Janeiro e no Brasil da época. Isso tudo misturado com os grandes shows e debates sobre temas e propostas de importância, como a música popular brasileira, com a participação de compositores como Carlos Lyra, graças aos quais novos e velhos talentos, como Edu Lobo e o MPB-4, ou Cartola, Nelson Cavaquinho e Zé Kéti, foram revelados.

A sede da Praia do Flamengo também foi palco de visitas memoráveis, algumas com repercussão no cenário internacional. Como a que foi feita pelos jovens guerrilheiros Fidel Castro, Che Guevara e Raul Castro, que, de passagem para Punta del Este, onde a sorte da Revolução Cubana estava sendo discutida numa reunião



Elza Fiúza

O velho
casarão da Praia
do Flamengo foi
o ponto de
efervescência
política da época
e palco de visitas
memoráveis,
como a dos jovens
guerrilheiros
Fidel Castro e Che
Guevara

de cúpula do Continente, passaram uma tarde no prédio da UNE, buscando apoio, que foi obtido graças à clarividência política do chanceler San Thiago Dantas e de uma mobilização de opinião pública promovida pelo CPC. Numa recente conversa em Havana com um grupo de brasileiros, da qual participei, Fidel lembrou a importância dessa escala na UNE.

Vi o casarão ser destruído. No final da tarde de 31 de março de 1964, deixei pela última vez o CPC levando um material que me foi entregue por Vianinha para ser deixado em outro local. O governo de Jango agonizava e, com ele, todas as esperanças e sonhos de uma geração. Sai em um Citroën estacionado defronte da UNE, tomada por estudantes, artistas, intelectuais e povo. O carro era dirigido por Vera Gertel, com Carlos Lyra no banco da frente. Atrás, Isolda Cresto, Grande Othelo e eu. Entreguei os documentos em algum ponto do Largo do Machado e voltei a pé, já no começo da noite. A UNE já havia sido invadida pelos grupos paramilitares de direita. Defronte do Praia Bar pude ver o velho pegando fogo.

Chico Dias é poeta e jornalista; teve seus poemas publicados na coleção Violão de rua.

Carlos Vereza

Junto com a UNE, o CPC irradiou cultura país afora

M

inha convivência com a União Nacional dos Estudantes se deu através do Centro Popular de Cultura - que vi nascer e morrer - cuja sede funcionou na Praia do Flamengo, 132, junto às entidades estudantis da época, como a UBE e a AMES.

Houve época em que eu dirigi três CPCs: o de Niterói, o da Faculdade de Direito (o CACO) e o da Faculdade Nacional de Filosofia. Eu me dividia nessas três áreas, dirigindo peças, shows e participando ativamente do debate político, tão rico no momento.

Foi um período muito produtivo para a cultura nacional. Lá em Niterói, por exemplo, no bojo das realizações do CPC, surgiu o MPB-4, do qual, com orgulho, sou padrinho.

Junto com a UNE, o CPC irradiou cultura pelo Brasil inteiro. Praticamente em cada estado havia um CPC; a cada ano, fazíamos uma viagem por todo o país levando uma peça ou um show. Era a famosa UNE Volante, que tanto marcou o Brasil de então. A atividade era diversificada. Fazíamos um show à tarde, na rua principal da

cidade ou numa de suas faculdades, e à noite encenávamos a peça.

Eu fui numa dessas viagens com a peça do Vianinha A filha da Besta Torta do Pajeú, em que eu fazia o papel do protagonista, que era o filho de um camponês. No elenco, estavam Leonides Bayer, Procópio Mariano, Pedro Otino, João das Neves, Tereza Santos, Telma Reston e Leoni. A direção era de Carlos Kroeber.

Foi engraçado porque quando essa viagem aconteceu já havia sinais de golpe no ar. Nós pressentimos esses sinais. Mas, como toda a esquerda da época, achávamos que ele não se viabilizaria. Mas os sinais eram evidentes. Por exemplo: em Fortaleza, durante um show, jogaram ácido no Mariano Procópio; por sorte, não acertou. Em Natal, no dia seguinte de nossa partida, explodiram uma bomba no hotel onde estávamos hospedados. Em Vitória, João das Neves e eu tivemos que correr para tirar uma bomba de fabricação caseira colocada nas galerias do teatro onde íamos nos apresentar. Já em Maceió o governador mandou apagar todas



Stuekart Filho

O prédio pegou fogo e nós tivemos que sair pelos fundos. Os três últimos a deixar o velho casarão, já tomado pelas labaredas, foram Vianinha, Denoy de Oliveira e eu

as luzes da cidade, enquanto nós fazíamos um espetáculo na praça principal. Isso tudo era final de 1963 e já havia, por toda a parte, sinais evidentes do golpe que, meses depois de nossa volta, se consumou.

Eu me lembro nitidamente do último dia no prédio da UNE. Nós tínhamos um comício marcado na Cinelândia. Eu morava em Lins de Vasconcelos e vinha de casa, quando achei meio estranha a movimentação no centro do Rio, onde presenciei um tiroteio com mortes. Peguei uma carona até a sede da UNE. Lá, apesar do meu relato, as controvérsias sobre a situação continuavam. Uns achavam que eram apenas focos localizados e que o golpe não se consumaria.

Súbito, começaram a estacionar uns carros lá fora. Era a juventude dourada da época que, em cima dos seus carros, vaiava o prédio. Na dúvida, levantamos uma barricada. Foi a nossa sorte porque logo depois eles começaram a lançar coquetéis molotov. E aí, foi o que todo mundo conhece. O prédio pegou fogo e nós tivemos que sair pelos fundos. Os três últimos a deixar o velho casarão, já tomado pelas labaredas, foram Vianinha, Denoy de Oliveira e eu.

Carlos Vereza é ator e diretor de teatro, cinema e televisão; participou do CPC da UNE.

José Genoíno

A responsabilidade de abrir novos caminhos

C

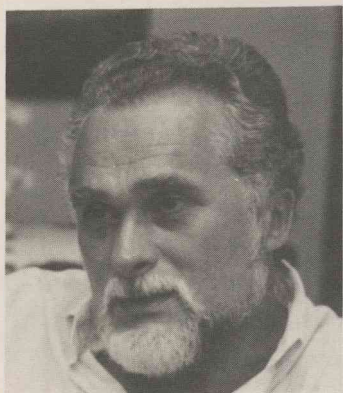
om o golpe de 1964 os estudantes se transformaram na força de oposição mais organizada do país, e passaram a ocupar um espaço político que se tornou praticamente o centro das atenções da oposição. As lideranças, depois de 64, eram conhecidas e respeitadas não só pelos estudantes, mas também por setores ponderáveis da opinião pública. Os centros de discussão dos estudantes eram freqüentados por setores mais amplos da sociedade civil.

Isso explica porque havia, na década de 60, passeata de 100 mil. Fortaleza tinha seis mil estudantes e se fazia passeata de 20 mil, ou seja, era, realmente, uma manifestação popular. Era uma força que, depois de 64, conseguiu, com maiores facilidades, se mobilizar, e que teve uma herança muito importante, que foi exatamente a prática política, que se desenvolveu no país naquela época, com suas falhas e erros, mas que foi muito ampla. A repressão de 64 não teve a profundidade da repressão de 68, tanto que o processo de reestruturação da UNE, depois de

64, foi mais fácil que o processo de rearticulação em 79, depois do longo período do AI-5, do 477, do período de maior violência repressiva do país.

A UNE tinha uma mística muito grande, e não era por acaso, mas porque interpretou, no seu momento, as aspirações da juventude universitária. É claro que depois de 64 várias organizações de massa de peso sofreram uma repressão mais violenta, e foi justamente porque tinha peso político que a UNE foi reprimida e teve sua sede incendiada.

O caráter repressivo do regime instaurado no país depois de 64 despertou nos estudantes um sentimento de liberdade muito grande, porque num país como o Brasil, por mais violento que seja o obscurantismo, é na universidade que circulam as idéias, é na universidade que ainda se mantém o debate, e é lá, também, que os efeitos da repressão não são tão violentos como, por exemplo, nas fábricas. É natural, por isso, que os estudantes, em algumas situações, dêem o primeiro passo, o que não significa dizer que vão dirigir o processo.



Marcos Fernandes

A UNE tinha uma mística muito grande porque interpretou as aspirações da juventude universitária, e justamente porque tinha peso político, ela foi reprimida

Como os estudantes se refizeram com maior facilidade da repressão depois de 64, eles começaram a assumir a dianteira, a assumir um papel que foi crescendo ano a ano até atingir o ápice em 68. Nesse período, a UNE, mesmo na ilegalidade e sem uma sede fixa, adquiriu muita força e representatividade. Mas a luta política de 64 centrou-se mais diretamente nas questões específicas que existiam em relação à universidade, porque a natureza e o caráter autoritário do regime decorriam dos novos interesses e objetivos econômicos, das novas necessidades da classe dominante, que fizeram a repressão se concentrar no movimento operário, no arrocho salarial, na perseguição às entidades estudantis, e ainda enquadraram a universidade dentro de um modelo voltado para esses interesses.

Para desenvolver o processo de concentração da economia brasileira, as classes dominantes que deram o golpe precisavam limpar o terreno, que estava sendo ocupado pelos grandes movimentos que ocorreram até 64, e o aceleração desse processo arrebatou com muitos setores da vida social do país, entre os quais a universidade.

Hoje, o que mudou é que o estudante, devido ao próprio desenvolvimento da economia do país, ficou socialmente mais próximo do povo, faz parte do mesmo contexto social, hoje ele é filho do assalariado, dos mesmos professores e dos médicos que fazem as greves, dos funcionários públicos que também estão parti-

cipando da luta por melhores condições de vida. A tendência é haver um amadurecimento da luta, um trabalho de conscientização e de discussão mais aprofundado, mais perto do povo. Hoje o estudante não pode se desvincular da luta do povo. Ele faz parte desse mesmo povo, por isso entra na luta com uma visão mais realista.

Hoje, a geração que iniciou a sua formação política na UNE tem a responsabilidade de apostar na democracia e na sua permanente reforma, construir um novo padrão ético no tratamento da coisa pública e enfrentar a degradação social dos tempos modernos.

Essa é uma função de sobreviventes, em todos os sentidos. Com tudo que ocorreu e vem ocorrendo no Brasil e no mundo, é estimulante criar novas alternativas e abrir novos caminhos. A dimensão de cidadania do estudante mudou, suas angústias e perspectivas se colocam em um patamar diferente dos anos 60 e 70. Valeu a experiência; foi muito importante na luta pela democracia e na construção de lideranças políticas.

José Genoíno é deputado federal pelo PT/SP. Foi líder estudantil e vice-presidente da UNE no período 1969/1970.

Joel Barcelos

Um teatro que pretendia mudar a realidade social

E

u fui testemunha ocular do célebre encontro entre o Aldo Arantes, então presidente da UNE, e o grupo de artistas do Arena, que deu origem ao Centro Popular de Cultura. Nós estávamos montando A mais valia vai acabar, seu Edgar, do Vianinha, e havíamos brigado com o Teatro de Arena de São Paulo que na época, é bom frisar, foi um dos ciclos mais profícuos do teatro brasileiro.

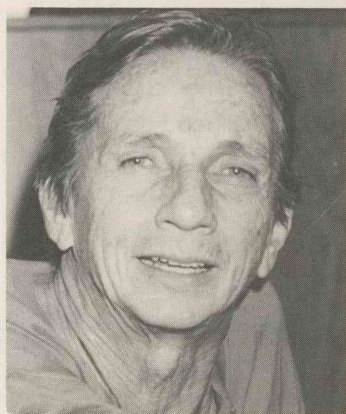
O teatro brasileiro vinha de instantes distintos, iniciado pelo teatro português, seguido do TBC, com um modo de interpretar diferente, como o de Cacilda Becker e Luiz Linhares e depois o Arena. Foi então que surgiu o convite da UNE para montarmos um centro de cultura popular - nós discutimos quinze dias para saber se era esse mesmo o nome, até optarmos pelo CPC - e a coisa teve início, depois dos primeiros contatos feitos com a Faculdade de Arquitetura, pelo Chico de Assis, que resultou na reunião com o Aldo Arantes.

Nós partimos para um tipo de teatro diferente, que não acariciasse a massa, na base do "olhem como nós

somos virtuosos", como faz hoje a maior parte dos artistas e intelectuais brasileiros, com o apoio das televisões. Começamos a fazer um teatro que não era apenas para divertir mas, principalmente, para politizar. Deixamos de lado o velho conceito de arte pela arte.

Uma coisa curiosa foi nossa indagação para aceitar a nova parceria: por que não fazer teatro dentro da UNE? A UNE vai se transferir para Brasília e aquele prédio ficará obsoleto? Embora muita gente não lembre, o estatuto da UNE de então determinava que a sede tinha que ficar na capital federal. Nós resolvemos topar, com o firme propósito de, através da nossa arte, mudar a realidade social, coisa que anos mais tarde foi feita pelos Beatles.

Houve muitos erros provocados pelo radicalismo, que hoje, depois de trinta anos, nós enxergamos. Por exemplo - e talvez o maior deles - dizer-se então que televisão era coisa de empregada doméstica. Porque se em 1964 nós tivéssemos feito um trabalho de mobilização através de uma



Elza Fiúza

Começamos a fazer um teatro que não era apenas para divertir, mas para politizar. Nós tínhamos o firme propósito de mudar a realidade social através da arte

televisão, talvez o golpe não tivesse dado certo. Mas de qualquer maneira, com os primeiros financiamentos feitos pelo Jânio Quadros, o CPC funcionou e deixou profundas marcas de mudanças na cultura brasileira.

Com o auxílio da UNE nós transformamos esse país. Graças à sua iniciativa de procurar um grupo de artistas de vanguarda, profissionais mais sensíveis à necessidade de transformações, é que a cultura brasileira tomou rumos mais definidos, com profundas transformações no teatro, na música e nas mais variadas expressões artísticas.

Joel Barcelos é ator de cinema, teatro e televisão. Participou da criação do CPC.

Lindbergh Farias

A força dos estudantes volta a defender o país

O

julgamento do ex-presidente Fernando Collor pelo STF culmina um processo iniciado no Brasil, mais uma vez, pela força de seus estudantes na defesa de um país melhor. Foi a partir daquele movimento dos caras-pintadas, daquelas passeatas em defesa do impeachment, que a UNE voltou a assumir um papel de importância no cenário político nacional.

Porque a UNE sempre teve este papel na história do Brasil. Um papel decisivo em nossa vida política. Não só na época da ditadura militar. Mas antes mesmo, nas grandes lutas como a do Petróleo é nosso, a pressão dos estudantes para que o Brasil entrasse na Segunda Guerra Mundial contra o eixo nazi-fascista, a luta pelas reformas de base, todas elas falam de um passado glorioso, que culminou com a grande luta, que foi a luta contra a ditadura militar.

Depois daquele período houve a reorganização do movimento estudantil como um todo. E os acontecimentos que antecederam o afastamento de Fernando Collor, os estudantes voltaram às ruas com toda sua

carga de idealismo e de emoção. De lá para cá o movimento estudantil cresceu muito. E, falando de um grande segmento da UNE que é o movimento estudantil secundarista, verificamos que ele cresce pelo menos dez vezes. Nas universidades, principalmente as particulares, o movimento também cresceu e se reestruturou. E hoje a UNE está mais sólida.

O movimento estudantil, realmente, precisa aprofundar suas discussões. Mas sua base também é a rua. Também são as pressões políticas importantes. Nós não podemos esquecer ou ignorar o que significa os estudantes nas ruas. As passeatas que antecederam o impeachment serviram, entre outras coisas, para elevar o nível de conscientização da juventude atual. Serviu para a formação de novos cidadãos, mais conscientes, mais participantes na vida política nacional. Ao contrário dos que nos criticam, a gente não pode ficar nesta dicotomia: parar para aprofundar o debate ou atuar nas ruas. Acho que podemos fazer as duas coisas. O movimento estudantil



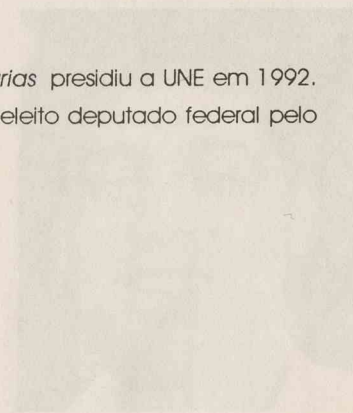
Alceu Rocha

O movimento estudantil precisa aprofundar suas discussões, mas sua base também é a rua. As passeatas elevaram o nível de conscientização da juventude, ajudaram a formar novos cidadãos

cresceu muito, com um bom nível de discussão dentro das universidades, como, por exemplo, qual o papel da ciência e da tecnologia, qual a verdadeira função das universidades brasileiras, num processo real de aprofundamento.

E o resultado concreto das passeatas é que hoje a UNE tem no Congresso Nacional seus dois primeiros deputados. Um dirigente saído das escolas particulares do Paraná e eu. Pela primeira vez a voz dos estudantes se fará ouvir de forma mais forte no cenário político. A UNE está voltando ao lugar que sempre mereceu nesse cenário.

Lindbergh Farias presidiu a UNE em 1992. Em 1994 foi eleito deputado federal pelo PC do B/RJ.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARCELLOS, Jalusa. CPC da UNE: uma história de paixão e consciência. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

GULLAR, Ferreira. Toda Poesia - 1950-1980. Coleção Vera Cruz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

KREUTZ, Lúcio. Os movimentos de educação popular no Brasil, de 1961-64. Tese de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas - Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia de Educação, 1979.

POERNER, Arthur José. O poder jovem - História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2, 1979.

REIS FILHO, Daniel Aarão. 1968 - A paixão de uma utopia. Coleção Pensando o Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

RIBEIRO, Darcy. Aos trancos e barrancos - como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Guanabara 2, 1985.

SILVA, Justina Iva de Araújo. Estudantes e política - Estudo de um movimento (RN 1960-1969). São Paulo: Cortez, 1989.

HISTÓRIA Imediata, 5. A volta da UNE - De Ibiúna a Salvador. São Paulo, 1979.



REMOS POSSO PREDIO



BRASIL
UNIÃO DE TODOS

REPRESSAO